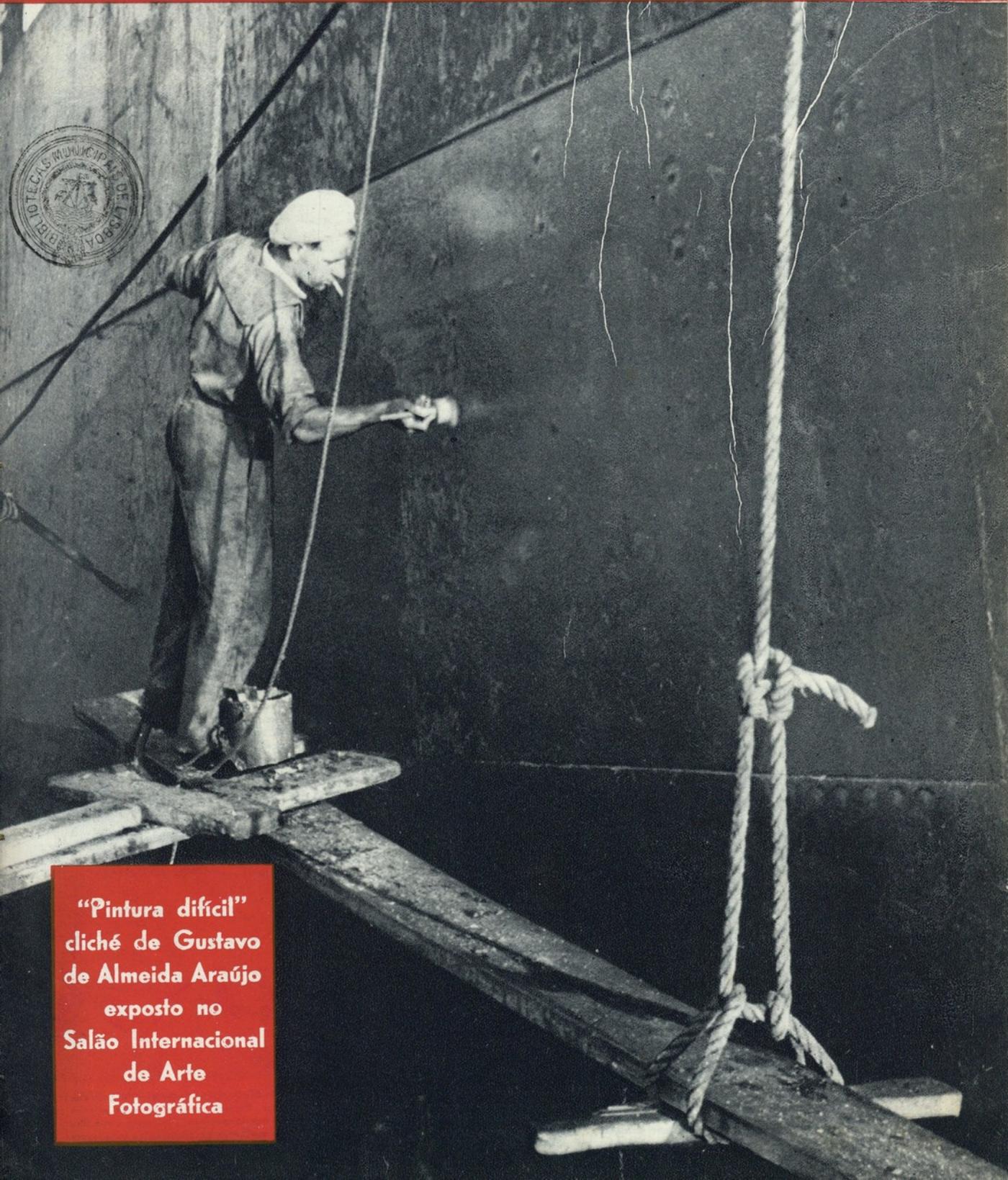


MUNDO GRÁFICO



DEPOSITO L. 664
FEV 1941
8
BIBLIOTECA MUNICIPAL DE LISBOA

"Pintura difícil"
cliché de Gustavo
de Almeida Araújo
exposto no
Salão Internacional
de Arte
Fotográfica



O formoso Parque-Estoril, sempre florido durante todo o ano, dentro do qual se encontram os Hotéis Palácio e do Parque, Estabelecimento Termal, Piscina e «courts» de Tennis



Praia mais elegante do País com o seu moderno Balneário que oferece todas as comodidades aos banhistas, e que com o Bar e esplanadas do «Tamariz» é, de manhã e de tarde, o ponto de reunião preferido por nacionais e estrangeiros

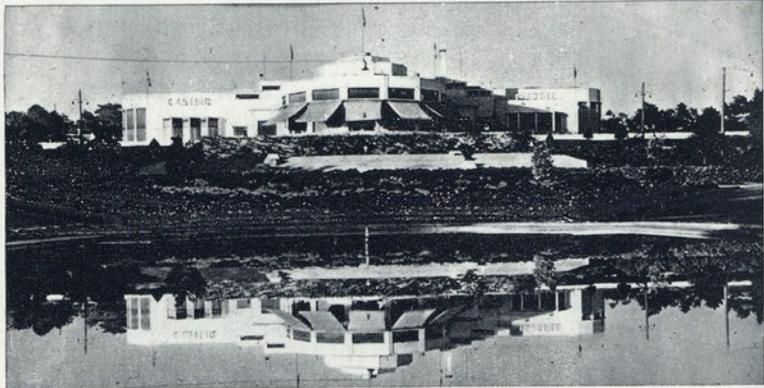
COSTA DO SOL ESTORIL

A Costa do Sol, de que já nos ocupámos num dos nossos últimos números, volta a merecer-nos novas referências que incidirão sobre o Estoril, orgulho dos nacionais e admiração dos estrangeiros que o frequentam, e cada vez em maior número. Centro basilar da mais importante zona turística do País, deve o seu invejável prestígio não somente à generosidade da natureza, para elle tão pródiga, mas ainda aos perseverantes esforços das entidades a quem está confiada a orientação das mais complexas actividades, trabalho constante de muitos anos, tantas as dificuldades a vencer, tantos escolhos a transpôr.

O seu constante progresso conquistou-lhe um lugar de justo destaque no turismo internacional, tornando-o simultaneamente um centro bastante populoso de escolhidas classes que aqui se têm instalado definitivamente, multiplicando-se, para isso, as novas construções em que sobressaem, pelas suas linhas elegantes, as vivendas particulares dos mais variados estilos arquitectónicos.



O Palácio Hotel com os seus duzentos aposentos, luxuoso e confortável, com orquestra privativa, é um dos melhores do País. Tem albergado numerosas individualidades internacionais das mais elevadas categorias; Príncipes de sangue real, chefes políticos, diplomatas, cientistas e artistas de reconhecido mérito



O Casino — vida, animação e alegria — as suas festas elegantes despertam sempre o maior interesse. Carnaval, Natal, «Reveillon» são datas que lhe marcam infalíveis sucessos. Concertos, dança à tarde e à noite, o Wonder-Bar (Dancing) de categoria cosmopolita, cinema, festas de arte e exposições e ainda as suas salas de jogos, da única zona permanente funcionando no País, tornaram-no o centro predilecto de nacionais e estrangeiros



Tennis com sete «courts» onde se têm realizado muitos torneios, alguns de categoria internacional



O Hotel do Parque conquistou em curto prazo as simpatias gerais. É no seu edifício que se encontra a excelente piscina onde funciona a escola de natação e o Estabelecimento Termal de justificada reputação, permanentemente aberto



Aspecto do Golf, o jogo desportivo favorito dos estrangeiros, desoiro baracos, situação privilegiada com um inigualável panorama e um Pavilhão dos melhores em instalações congêneras do estrangeiro

Sumário

CRÓNICA INTERNACIONAL, por «O Observador»

HUGH DALTON, biografia

O PALÁCIO DE QUELUZ

EPISÓDIOS DA LUTA NO MAR, por Maurício de Oliveira

COMO SE VÊEM OS ASTROS

QUAL O SÍTIO MAIS BÓNITO DE LISBOA?, inquérito. Responde *Fernanda de Castro*

UMA PORTA E UMA JANELA

OS LUSIADAS, poema universal, por Carlos Estorninho

O BAILADO DOS PÉS, por César dos Santos

QUATRO PÁGINAS COM FOTOGRAFIAS INÉDITAS DA GUERRA

HOMENS SEM LAR, sensacional reportagem

MASCOTES DE GUERRA, por W. Gilbert

FIGURAS E FACTOS

LUAR NO TEJO, página gráfica de Horácio Novais

MÁRIO SIMAS, O MELHOR NADADOR PORTUGUÊS, por Fernandes de Oliveira

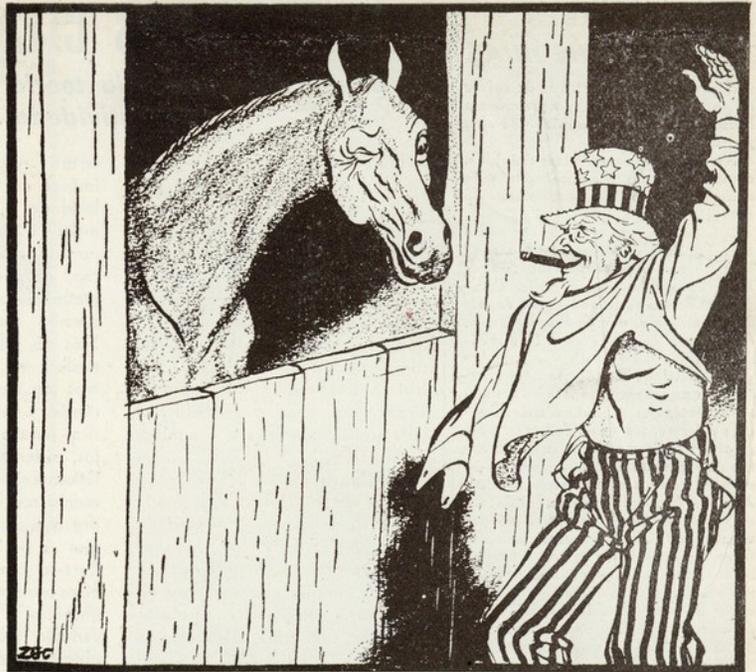
PÁGINA FEMININA, de Aurora Jardim

AS VERDADEIRAS VÍTIMAS, adaptação de C. Sá Pereira

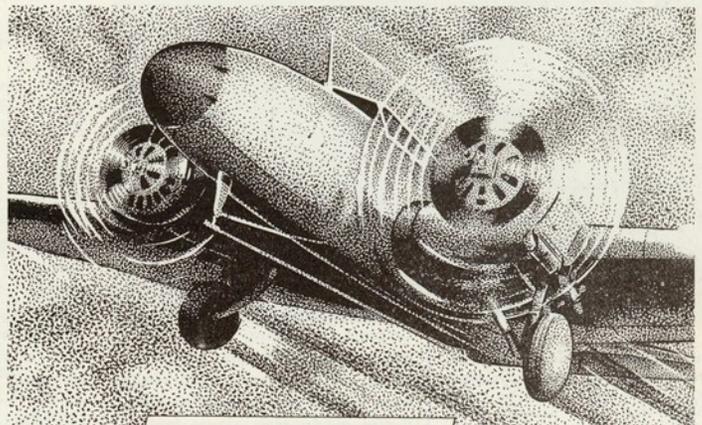
CRÓNICA ALEGRE, de Marçal Saldanha

CINEMA

CURIOSIDADES CIENTÍFICAS



—VOU APOSTAR NO CAVALO INGLÊS!



TEMPO
é dinheiro!..

Faça do

ETERNA

*o seu companheiro
fiel que garante a pon-
tualidade em todos os
atos de sua vida.*

**NAS BÔAS RELOJOARIAS
E OURIVESARIAS**

Para
conhecer
Portugal
consulte
a *C. P.*

▲
Informações:

em tôdas as estações

▼
— em Lisboa, no serviço do
Tráfego — Telefone 2 4031

— no Pôrto, na estação de
S. Bento — Telefone 1722

AS INDIGESTÕES CAUSAM INSÓNIAS

Só quem tem infelicidade de sofrer de indigestões, pode compreender o horror que são as insónias que elas provocam.

As voltas na cama, horas seguidas, sentindo a garganta queimada pela azia, as palpitações desordenadas do coração, etc.

Há, porém, um excelente remédio para facilitar as digestões e acabar com todos estes tormentos. São as Pastilhas Digestivas Rennie. Chupam-se duas Pastilhas Rennie depois das refeições, e o trabalho digestivo, faz-se sem causar o mais leve incómodo.

As Pastilhas Rennie contêm antiácidos que fazem desaparecer a azia; absorventes que suprimem a flatulência; e fermentos que facilitam a digestão. Para tomar as pastilhas Rennie não é necessária água: metem-se na boca e chupam-se como caramelos. A saliva, à medida que é engulida, vai servindo de veículo aos seus componentes, conservando-lhes toda a sua força e propriedades que não são diluídas pela água. Duas pastilhas Rennie acabam com as dores de estomago em 5 minutos. Vendem-se em todas as farmácias a Esc. 6\$00 os pacotes de 25 e Esc. 20\$00 os de 100 pastilhas.

EXAUSTO antes



da hora de deitar?

Sonolento depois das refeições? Cansado ao cair da tarde? De mau humor, aborrecido? Dores de cabeça, nas costas, e nas pernas? Pêso nas pálpebras?

Tudo isto são sinais de prisão de ventre.

Evacua com regularidade?! Muitas pessoas, cujas funções intestinais parecem regulares, sofrem de prisão de ventre, sem darem por tal. Não eliminam completamente, e assim, acumulam venenos no sangue.

Para estes casos, existe um bom remédio: tomar, todas as manhãs, uma «pitada» de Sais Kruschen. Esta «pequena dose» contém precisamente os sais minerais que são necessários para assegurarem o perfeito funcionamento intestinal. Os venenos são expulsos de todo organismo e a saúde accentua-se dia a dia.

A pitada de

KRUSCHEN

basta para que se sinta optimamente

Toma-se com o chá ou em água quente. Kruschen vende-se em todas as farmácias, a 17\$00 e 10\$00 escudos o frasco.

CURIOSIDADES CIENTÍFICAS

Divagação acêrca da teoria da Relatividade de Einstein

Não há qualquer parcela de uma ciência que não possa traduzir-se em expressões acessíveis aos que lhe são alheios e, até mesmo, a indivíduos de cultura medíocre. A beleza da ciência pura, o prazer do investigador, resume-se, precisamente, na transformação do que é aparentemente confuso, complexo, irreduzível, opaco, em cristais de límpida transparência, através dos quais a verdade resalta com toda a sua magnífica grandeza.

A complexidade só existe no arranjo da hipótese ou da teoria e na demonstração da verdade que encerra. O mais transcendente problema matemático se reduz a simples operações aritméticas. Só às inteligências excepcionalmente cultivadas é possível a espèculação científica. O mesmo não acontece, no entanto, com a divulgação pura e simples.

A teoria da Relatividade de Einstein é um exemplo flagrante. Quando o célebre matemático, uma das mais extraordinárias figuras da ciência moderna que a Alemanha expulsou, apareceu com as suas descobertas, o mundo olhou-o com incredulidade, pasmando da audácia das suas afirmações. Tudo parecia inverosímil. Só muito raros estudiosos penetraram no complicado labirinto da sua teoria. Os outros ficaram de fora aguardando. E, só quando os primeiros saíram, cegos de luz, a verdade começou a evidenciar-se.

Afinal, tudo era pasmosamente simples. O próprio Einstein afirmava que, se Newton, o grande sábio inglês a quem a Mecânica deve todo o seu desenvolvimento, tivesse vivido mais algum tempo, teria alcançado os mesmos resultados. Antes de Einstein, a Mecânica considerava que a luz se propagava com velocidade infinita, em consequência dos seus aproximados trezentos mil quilómetros por segundo — pouco mais de um segundo a percorrer a distância que separa a Terra da Lua.

É claro que o não considerar-se essa velocidade limitada conduzia a erros insignificantes. Mas, era errar, afinal. Em que poderia influir, no entanto, a velocidade de propagação da luz que todos os corpos, em repouso ou em movimento, emitem tornando-os perceptíveis à vista do observador?

O leitor já reparou, com certeza, que qualquer movimento só é sensível, visualmente, quando pode ser comparado. Quere dizer: nós só sabemos que um objecto se desloca quando temos

como referência outro objecto imóvel ou que se move com velocidade diferente. Se tudo, homens e objectos, se deslocasse no espaço na mesma direcção, no mesmo sentido e com a mesma velocidade, teríamos a impressão visual da imobilidade. Nós só sabemos que a terra se desloca no céu porque nos servimos de outros astros como referência. Criam-se, portanto, na Física, para o estudo dos movimentos, sistemas de referência, hipoteticamente imóveis ou em movimento rectilíneo e uniforme. Sempre que um problema de Mecânica é posto em equação, considera-se um desses sistemas: três eixos perpendiculares. O ponto de encontro é a origem. A partir da variação relativa da distância do objecto que se desloca aos três eixos considerados, estuda-se o movimento. Considerou-se, a princípio, que a origem coincidia com o centro da Terra; depois, com o centro de gravidade do sistema solar; e, finalmente, com determinada estrela. O observador está sempre supostamente colocado nesse ponto. Ora se o objecto em estudo emite luz, o que permite que o observador o veja, há que considerar a sua velocidade. Assim apareceu em todas as fórmulas da Mecânica clássica ou newtoniana um binómio, chamado binómio Lorentz, que é igual á raiz quadrada da diferença entre a unidade e o ciente do quadrado da velocidade da luz pelo quadrado da velocidade do objecto. (No estudo da Mecânica não se considera um objecto em movimento, mas uma partícula material infinitamente pequena, que se demonina «ponto material».)

Do binómio de Lorentz se conclue imediatamente: — se a velocidade da luz fôsse, de facto, infinita, as fórmulas da Mecânica clássica estariam certas porque, a o substituímos no binómio o valor da velocidade da luz por «infinito», êle se reduz à unidade, que, multiplicada ou dividida por qualquer expressão, é igual à própria expressão; que um ponto material não pode mover-se a uma velocidade superior à da luz porque, se assim fôsse, o binómio transformar-se-ia num imaginário (raiz quadrada de um número negativo), que não tem significação física.

Noutra oportunidade mostraremos aos nossos leitores as conclusões mais curiosas a que conduz a introdução da velocidade da luz no estudo dos movimentos.



Ninguém ainda explicou cabalmente as misteriosas propriedades branqueadoras e aformoseadoras duma cera doce, untuosa, que se encontra no interior de certas flores preciosas da Riviera. Quando se aplica na pele, realiza um milagre indiscutível. As manchas: — mesmo as mais escuras — as sardas, pontos negros e outras imperfeições da epiderme, são eliminadas durante o sono. Esta substância quasi mágica chamada Cera Aseptine, aborve realmente a camada superficial da pele, escamosa e meia morta, que é assim substituída pela nova pele fresca que ela recobria. A fim-de que o contraste com o seu rósto não seja demasiado notável, convirá aplicar igualmente a Cera Aseptine no pescoço, nas espáduas, nos braços e nas mãos. Assim, apesar do Sol, do vento e das intempéries, poderá dar à sua própria pele a brancura delicada do lírio. Experimente hoje mesmo a Cera Aseptine. Garante-se o êxito pois de contrário devolve-se o dinheiro.

A venda nas perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando dirija-se à agência Tokalon — 88, Rua da Assunção — Lisboa — que atende na volta do correio.

CONCURSO FOTOGRAFICO DO "MUNDO GRÁFICO"

Enviai-nos os vossos clichés de Lisboa e da Província Tipos, figuras, costumes, cenas rurais e casos citadinos

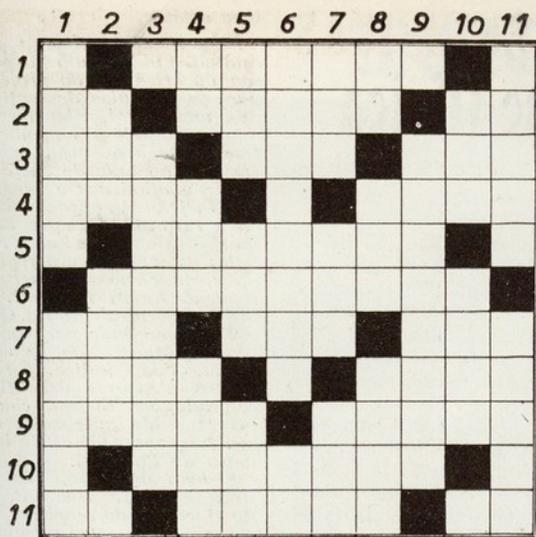
O concurso encerra-se no dia 29 de Fevereiro

3 Prêmios:

1.º — 500\$00

2.º — 250\$00

3.º — Uma assinatura anual do "Mundo Gráfico"



PROBLEMA N.º 8

HORIZONTAIS

- 1 — Inerte.
- 3 — Aspecto; substituto; êrmo.
- 3 — Debaixo; liga; benigno.
- 4 — Carruagem; líquido gorduroso.
- 5 — Gênero de mosquitos que transmitem as sezões.
- 6 — Um dos melhores aviões de caça ingleses.
- 7 — Iniciais de uma formidável organização aeronáutica; cincho; iniciais que, na marinha inglesa, antecedem o nome dos navios.
- 8 — Argolas; pedaço de toro cortado transversalmente.
- 9 — Dai côr; canções.
- 10 — Conquistarem.
- 11 — Andar; cambão a que se atrela mais de uma junta de bois; além.

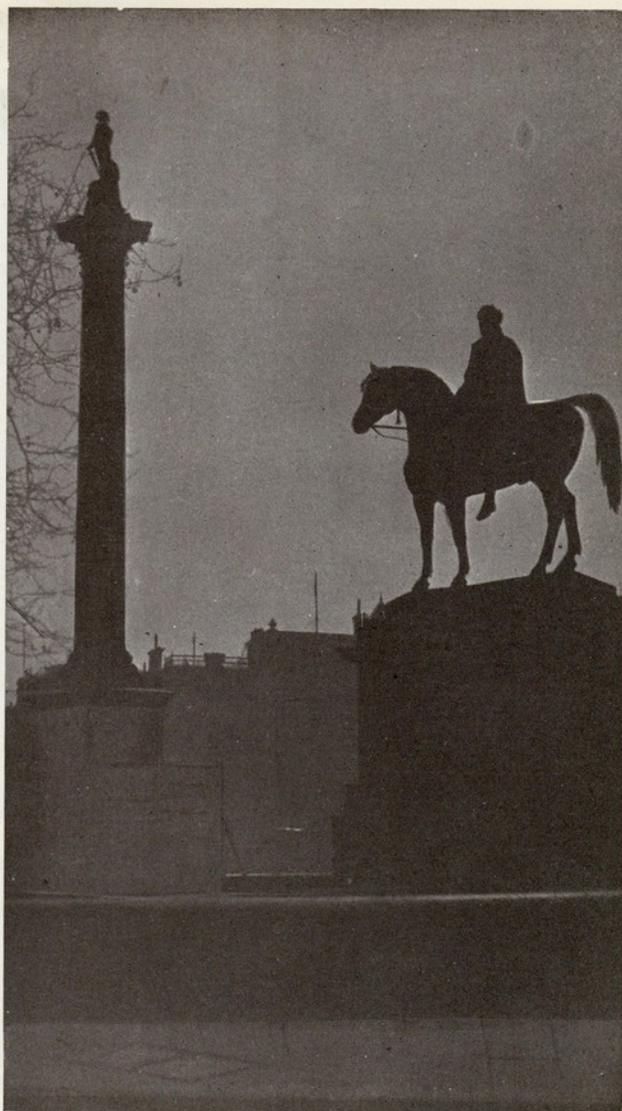
VERTICAIS

- 1 — Inocente; reíncide.
- 2 — Abundância; círculo luminoso que por vezes circunda o Sol e a Lua.
- 3 — Avião britânico de observação e reconhecimento.

- 4 — Campeão; consoantes de «namoro»; que não são pôdres.
- 5 — Ponto cardial; agora; íntimo.
- 6 — O mais célebre avião de caça do mundo; artigo árabe.
- 7 — Indignação; fama; decímetro quadrado.
- 8 — Andel; fôlha de palmeira; tens fé.
- 9 — Avião de bombardeamento inglês.
- 10 — Costuma; operação de suster com estacas as videiras.
- 11 — Volumes de uma obra; indivíduo parecido com outro.



Solução do problema n.º 7



A cidade gloriosa levanta-se nas margens do rio tutelar, recorrendo no céu nocturno as suas estátuas, os seus templos e os seus palácios. No meio, a coluna vitoriosa no alto da qual Nelson parece um simbolo e um escudo, guardado pelos seus leões de fauces escancaradas e garras crispadas num arregaço de orgulho. Eis o heroi que encarna a velha Inglaterra, rainha dos mares

ANUNCIAR

NO

“Mundo Gráfico”

É GANHAR DINHEIRO!

Revista de larga expansão que é lida por toda a gente

Os seus reclamos são valorizados por uma brilhante apresentação gráfica

Consultem a nossa tabela

Viage

em Portugal

nos combóios

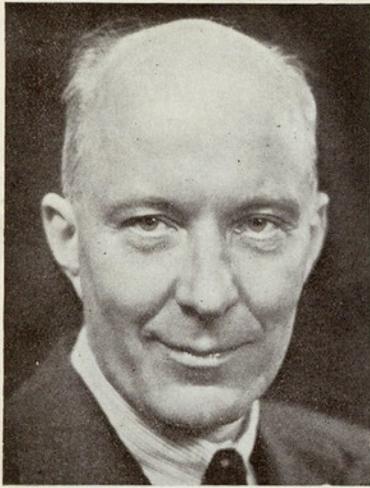
da C. P.

Informações

em todas as estações

em Lisboa: — no Serviço do Tráfego — Telef. 2 4031

no Pôrto: — na estação de S. Bento — Telef. 1722



HUGH DALTON

QUEM tiver analisado minuciosamente as características fundamentais da guerra actual nos mínimos pormenores do seu complexo conjunto, não deixou, por qualquer que tenha sido o objecto da análise, de colocar na retorta mais em evidência os elementos de reacção da estrutura económica do conflito. De facto, nunca como hoje, o problema do valor da economia foi posto em equação de forma a fazer depender das suas múltiplas soluções todo o desenrolar dos acontecimentos. Não ha dúvida alguma que esta é a guerra económica por excelência, a guerra surda mas decisiva que, da queda da Polónia até a invasão da Bélgica e da Holanda, primeiro, e do armistício franco-germano-italiano às campanhas da Albânia e da Líbia, depois, permitiu a heróica resistência da Gran-Bretanha e pôr em dúvida as possibilidades germânicas. Foi ela que fez prealecer, não a guerra veloz e fulminante, que era a guerra alemã, mas a guerra longa, de desgaste, que é a guerra britânica. A condução de tal campanha, por ventura a mais extraordinária que a história regista, tal é a tremenda responsabilidade que pesa sobre o ministro inglês da Guerra Económica.

Hugh Dalton. Eis o homem que Churchill incumbiu de levar a bom termo tarefa tão transcendente. A sua inteligência, a sua energia, a sua rara cultura e experiência dos problemas de economia política fizeram dele uma das primeiras figuras da guerra. Nasceu em 1887. Tem, pois, cinquenta e quatro anos. Filho de um pastor protestante de Windsor, cursou Eton e Cambridge, especializando-se em assuntos económicos. Foi leitor, durante alguns anos, da London School of Economie e combateu, na Grande Guerra, como oficial de artilharia. Filiou-se no Partido Trabalhista. Candidato nas eleições parciais e gerais de 1922 e 1923, só no ano seguinte foi eleito. Depois, sucessivamente reeleito. Excepcional conhecedor dos problemas de política externa, fez parte do gabinete trabalhista de Mac Donald, como subsecretário dos Negócios Estrangeiros, de 1929 a 1931. Até Setembro de 1939 foi um dos parlamentares mais escutados.

CRÓNICA INTERNACIONAL

A batalha de África

Os ingleses desencadearam a sua ofensiva no Egipto em 9 de Dezembro do ano findo. Vai decorrido pouco mais de um mês e meio. Nesse curto espaço de tempo, percorreram algumas centenas de quilómetros, indo de Sidi-el-Barrani a Derna. Conquistaram, para a sua esquadra dois pontos de importância capital: Bardia e Tobruk. A estrada marginal, que conduz a Benghazi, está sob o fogo dos seus canhões. Fizeram ao inimigo mais de cem mil baixas, entre mortos, feridos e prisioneiros. Apoderaram-se dum despojo de guerra incalculável.

Esta operação, de grande envergadura, coincide com o início dum ataque simultâneo contra a Eritreia e a Abissínia, onde se encontram concentrados, desde o início das hostilidades, importantes contingentes italianos, num total de cerca de duzentos mil homens. Depois da conquista de Kassala a penetração britânica na África Oriental tem-se acentuado, de maneira ameaçadora.

A parte da África que não está sob o domínio da Gran-Bretanha é vigiada pela esquadra inglesa. O seu comércio e a sua actividade encontram-se à mercê da Royal Navy. Libertos o vale de Nilo e o canal de Suez, é para o Mediterrâneo Central que se voltam agora as atenções do Almirantado. No dia em que os seus navios, partindo de Creta e de Alexandria, pudessem navegar até Gibraltar, o Mediterrâneo seria um lago inglês.

A batalha do Egipto, transformou-se na batalha da Líbia. Esta, por sua vez, transformou-se na batalha da África.

A ofensiva inglesa iniciou-se em 9 de Dezembro, partindo de Marsa Matruh, no Egipto. Duas colunas convergentes dirigiram-se a Sidi Barrani, uma através do deserto, até Buq Buq, outra pela estrada que corre ao longo do litoral. Cercada a cidade de Sidi Barrani, ainda no Egipto, a colaboração activa da esquadra e da aviação decidiu da sua sorte. Nos dias 10, 11 e 12 de dezembro os ingleses prosseguiram no seu avanço em direcção à fronteira do Egipto com a Líbia. Esta foi alcançada, no dia 16, em Sollum. Os ingleses percorreram, assim, numa semana, a porção de território egípcio onde se tinha dado a penetração italiana, ou sejam, aproximadamente, trezentos e cinquenta quilómetros.

Atravessando a fronteira, em 19 de Dezembro alcançaram o forte Cappuzzo, já em território da Líbia, e prosseguiram no seu avanço em direcção ao primeiro porto, de certa importância, no litoral da Líbia, o porto de Bardia que alcançaram no dia 17, iniciando, imediatamente, o cerco metódico da cidade. Esta encontrava-se bem defendida por uma guarnição de relativa importância militar. O cerco durou vinte dias. Em 5 de Janeiro iniciou-se o assalto, liquidando-se a situação criada pela resistência das tropas ali concentradas.

Prosseguindo no seu avanço, os contingentes britânicos dirigiram-se ao porto de Tobruk, o mais valioso da costa oriental da Cirenaica. Tobruk foi investida e conquistada em 22 de Janeiro. As colunas motorizadas britânicas já a tinham, dias antes, ultrapassado cortando a estrada marginal a uma distância de 60 Km, para leste da cidade. O investimento de Tobruk, feito, igualmente, com o auxílio da esquadra e da R. A. F. pode ser completado com segurança e sem receio de surpresas.

O território da Líbia, conquistado aos turcos e colonizado pelos italianos entre 1912 e 1932, é vasto e considera-se dividido, sob o ponto de vista geográfico, em duas regiões distintas: a Cirenaica, e a Tripolitana.

Nestas operações tem-se destacado o corpo expedicionário australiano ao qual foram confiadas algumas missões de risco executadas a contento do comando britânico.

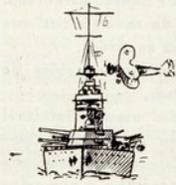
O Observador

Uma estátua

Nuno Álvares vai ter a sua estátua. A ideia ainda não passou da crisálida do projecto para os domínios de realização, mas já foi, solenemente, anunciada pelo sr. engenheiro Duarte Pacheco, no momento em que, ao lado do chefe do Governo, admirava o momento a D. João IV, obra de Francisco Franco. O mestre estátuário de Gonçalves Zarco, e de Salazar, deve ser encarregado de exprimir o nosso mais transcendente herói nacional, no bronze eterno de glória. Qual o local escolhido para a futura estátua? Não se sabe ainda. Tudo indica, porém, que Nun'Alvares deve ficar colocado em Lisboa, chama mística de galhardia, que soube levantar tão alto a bandeira de Portugal.

Lisboa, de resto, não tem uma estátua que integre, no ideário do espirito nacionalista, o seu pensamento, obra duma nação renovada nos seus destinos históricos. O condestável, herói total, será, para nós, o mesmo que Palas Athena é para a Grécia. O santuário da Pátria, a alma imortal da Nação!

1 por 1000



Atribui-se, por vezes, uma demasiada importância às perdas navais. Um navio de guerra, por muito considerável que seja a tonelagem, não tem o mesmo valor estratégico dum qual cidade ou dum porto, do qual depende a vida, se não dum país, pelo menos dum região. Seria imbecilidade supor que uma grande esquadra pode chegar ao fim duma guerra sem perdas.

Não vale pois, a pena exagerar os resultados do afundamento dum «Southampton» ou as avarias dum «Illustrious», sobretudo quando o país que sofreu essas perdas tem um milhão de navios de guerra a navegar, e, em construção, um terço mais de unidades. 1 por 1000. Há-de concordar que a percentagem é insignificante!

Roosevelt

Pela terceira vez, Roosevelt subiu as escadas do Capitólio.

Qual o segredo deste estadista? A sua técnica de governar? Não há, apenas, na sua actividade política, uma concepção superior de visão e de realização. Há também alguma coisa de psicológico no conhecimento específico das massas, num povo livre e vibrante como é o Yankee. Roosevelt consegue dirigir a opinião pública do seu país, dando a impressão que é ele o dirigido. Prescrua primeiro as suas reacções sem se antecipar, e, quando elas se manifestam, é na sua força, no seu volume, na sua totalidade, que se apoia para as interpretar, numa resolução, cuja iniciativa, afinal, lhe pertence.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: ARTUR PORTELA
Editor: ROCHA RAMOSPropriedade de «Mundo Gráfico», L.^a

Redacção e Administração: Rua de S. Nicolau, 119-3.º / Lisboa / Telefone 2 5240

Composição e impressão: Neogravura, Ld.^a, Travessa da Oliveira à Estrela, 4 e 6

COMPOSIÇÃO GRÁFICA DE ROMEU MARQUES CARDOSO

F. eço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



UM PORMENOR DA PONTE SÔBRE O RIO JAMOR

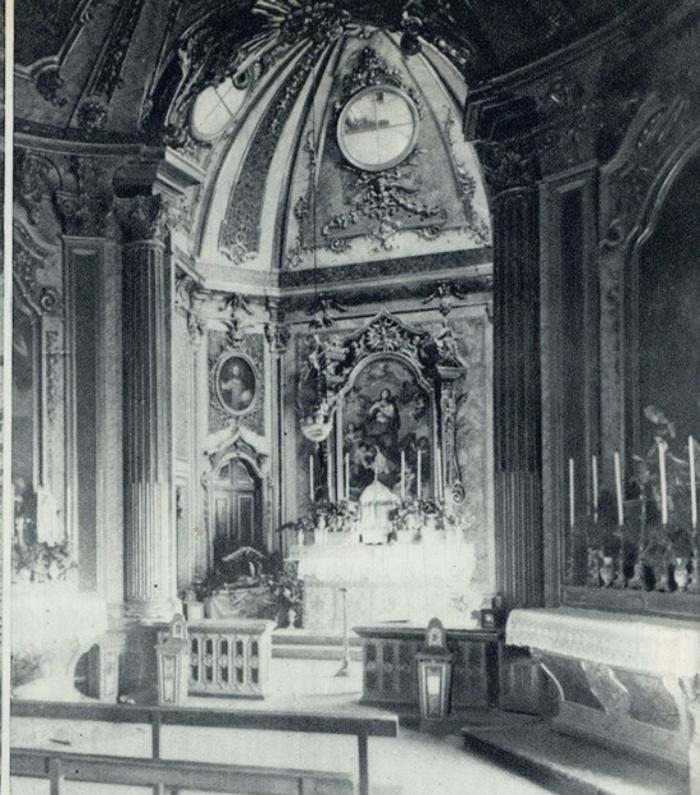
O PALÁCIO DE QUELUZ

A admirável reintegração artística duma das mais belas jóias arquitectónicas do nosso património histórico

O Palácio de Queluz resuscitou! Os seus salões refulgentes de talhas doiradas e de espelhos de lamina embaciada, as suas alcovas silenciosas, onde dormiram rainhas e infantas, os seus longos corredores, onde, por vezes, parece deslizar o vulto ligeiro duma sécia em tules côr de rosa — toda essa história maravilhosa de galantaria, por vezes, com um ou outro episódio mais intenso e dramático, como que acordou agora, em tôda a sua beleza, depois duma longa dezena de anos de tristeza e de clausura. Um dia já longínquo, nas suas quadras abandonadas, o fogo surgiu cruel e devastador, num bailado de chamas, que reduziu a escombros a sala dos Embaixadores, tocou ao de leve, no retrato de D. Miguel, de Giovanni, e, depois,

numa fúria de destruição como um arlequim, de manto vermelho, listrado de ouro, saltou da fachada de Cerimónia, tão ligeira e graciosa no seu barroco arrebitado para a de D. Quishote, numa das alas do lindo palácio realengo. No outro dia, ainda no meio da fumaceira do rescaldo, um homem, de pensamento claro e gestos rápidos, incizivos, ordenava a reconstrução de Queluz entregando-a a um dos nossos mais notáveis architectos. Duarte Pacheco encontrou em Guilherme Rebelo de Andrade, não, apenas, o construtor cuidadoso na reintegração do palácio, mas o artista de talento e de sensibilidade que soube tocar com extrema delicadeza naquela jóia única do nosso patrimonio nacional.

Em boa hora se iniciaram as obras. Tudo quanto o fogô, os homens e o tempo tinham mutilado foi reconstituído. As talhas oirescentes reviveram como lavoures preciosos de filigranas; as paredes foram cobertas de damascos de Veneza; os salões povoaram-se de espelhos, em perspectivas triunfais, ligeiramente marcados, como se o tempo tivesse empalidado a sua lamina de estanho, os lustres, como fontes de cristal, voltaram a sintilar nas suas facetas de brilhantes, nos tectos altos e apainelados; atapetaram-se os corredores; mobilaram-se sumptuosamente todas as dependências com peças de museus — e Queluz mais belo, numa evocação admirável do século XVIII, renasceu, doirado e galante, feminino



A fachada de cerimônia reintegrada na sua elegância arquitectónica

A capela do palácio, na sua esplendorosa talha de ouro

e taful, nas suas pompas realengas. A sala dos Embaixadores, a "barraca rica", no dizer pictoresco de Carlota Joaquina, riscada por Robillon, voltou ao seu antigo esplendor.

Está pronta para dar um sarau ou ilustrar uma comédia, como no tempo do senhor D. João VI.

Basta, apenas, que, do tecto, pintado por João Berardi, o maestro Jovini, com David Peres ao cravo, dê sinal para o serenim.

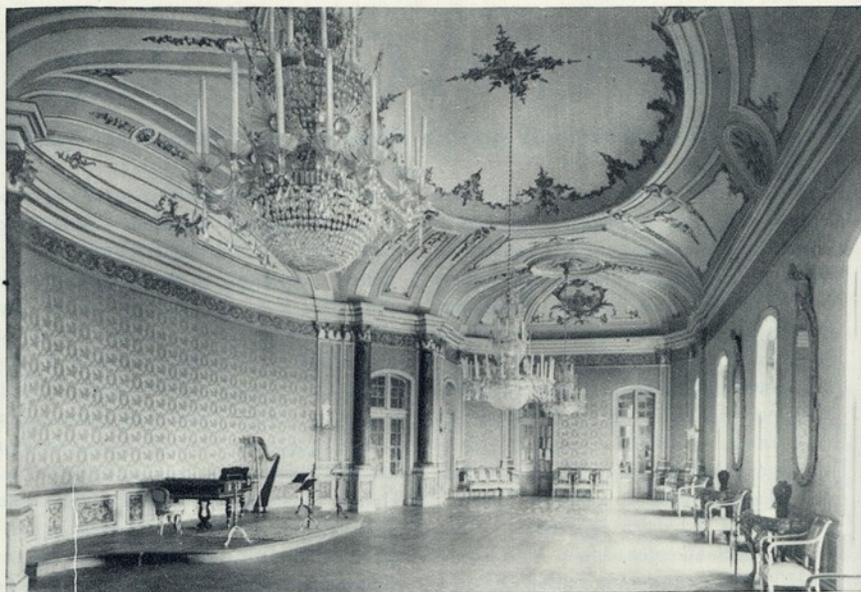
Pedro Colona, com os seus bailados de figurinhas de Saxe, rendas e tafetás, evocará, em mimos de graça, os *ballets* do Rei-Sol, e, pelas portas, os peraltas, assestando a luneta, com o bicorne de baixo do braço, hão-de comentar, com malícia, os passos lânguidos das bailarinas, reflectindo-se no pavimento numa nuvem trémula e côr de rosa. Um rumor de palmas. Há sorrisos, intrigas de fino-espírito, doces amavios de amor. Tôda a alma de Queluz, com o seu romance apaixonado de história, parece ecoar ainda naquelas paredes discretas. Se elas falassem!

Mas, não! A estampa retrospectiva desaparece, e fica a obra admirável de reconstituição, que ali se fez, salvando a tempo essa miniatura de Versailles.

O jardim de Neptuno, com os seus buxos recortados e as suas estátuas, de

formas graciosas, foi rebaixado. Nos tanques, onde ninfas esvoaçam, os repuxos voltaram a cantar numa parábola musical de harmoniosas escalas. Por toda a parte desabrocham flores. Os canteiros encheram-se de rosas que se debruçam agora nas vascas de mármore com frisos alados de roxinois e andorinhas. E no canal, de paredes de azulejos, onde há his-

tórias de reis e de pastoras, e onde outrora deslizavam pequenas gôndolas enamoradas, entre chácaras dolentes e amavios de poetas, os cisnes de pescoço esguio, como nos sonetos de Ruben Dario, vogam agora, em esteiras de prata, reflectindo nas águas, melodiosas como um alaúde, o seu perfil heráldico e interrogativo.



Uma sala de Queluz, depois de restaurada na sua antiga beleza

A SERENIDADE DE UM COMANDANTE E O VALOR DE UMA EQUIPAGEM

DOIS ou três telegramas lacônicos anunciaram recentemente ao mundo um recontro naval nos mares do Atlântico Sul, entre o paquete inglês "Carnavon Castle", armado em cruzador auxiliar, e um paquete alemão, armado em corsário, refrega que resultou praticamente *match nulo* porque os contendores perderam o contacto, sem qualquer deles ter conseguido inutilizar o seu contendor.

Nem por isso o combate deixou de ter lances de grande bravura, momentos de forte emoção — história breve mas heróica que se perdeu no turbilhão dos acontecimentos e do noticiário telegráfico.

Chega-nos agora, porém, pormenores curiosos que julgamos interessante referir, pois constituem novos subsídios para a já vasta história da guerra nos mares.

Ao amanhecer de 6 de Dezembro, o "Carnavon Castle", navegava ao largo da costa do Uruguay. Na ponte, o seu comandante, capitão de mar e guerra Hardy, combatente valoroso de 1914. A postos de combate, os homens do artilharia. Nos mastros, os vigias em seu constante prescrutar.

Às 8 horas o inimigo está à vista. Cinco minutos depois, Hardy dá a voz de fogo. Os ingleses abrem o combate a 17.000 metros de distância. Regula-se rapidamente o tiro e o corsário recebe a primeira granada.

O duelo desenvolve-se com as dois contendores navegando paralelamente a grande velocidade. Um projectil inimigo rebenta junto de um dos canhões de 152 mm. do "Carnavon Castle", e deita por terra alguns homens.

Um deles, um jovem artilheiro, sucumbe na enfermaria, momentos depois de murmurar nervosamente:

— Não percam tempo comigo, rapazes... Desculpem-me de os não poder ajudar neste momento como desejava...

E o duelo prossegue com dureza. Os projecteis que atingem o "Carnavon Castle", revelam que o corsário alemão está mais poderosamente armado: tem canhões de 200 mm.

O comandante Hardy inteira-se da situação e, num instante, traça serenamente o seu plano de combate. Tem de lutar com um inimigo mais forte. Recorda-se de que o mesmo sucedeu, certa manhã, naquelas paragens, ao seu camarada Harwood, quando avistou, enfim, na linha do horizonte, o infortunado "Graf Spee"...

Hardy decide-se, pois, a continuar a luta. O seu navio é atingido mais algumas vezes. A bordo de um paquete vulgar, sem a menor protecção de casco, exposto a projecteis de 200 mm. bem regulados, a equipagem mostra-se, serenamente, digna das tradições da Armada Real. Para dificultar a regulação do tiro por parte do inimigo, o "Carnavon Castle", muda de rumo com frequência e habilidade. A bordo há alguns mortos e feridos, mas a conduta da guarnição é admirável.



O capitão de mar e guerra Hardy, comandante do "Carnavon Castle"

Hardy recorda-se da tática heróica do "Exeter", e manda *carregar* sobre o inimigo. Prôa ao corsário e tôda a força às máquinas. Quanto mais perto estiver dele, melhor e mais seguramente o poderá atingir.

Mas o inimigo envolve-se em nuvens de fumo que o ocultam por vezes. É, porém, *tocado* novamente. E assim decorrem algumas horas, sem um resultado definido. A meio da tarde, os dois navios envoltos, em fumo, lutam muito mais próximos. Em dado momento, a 7.000 metros de distância, o corsário lança dois torpedos. Um vem passar pela prôa do "Carnavon Castle", e outro passa-lhe paralelamente ao costado, porque Hardy manobra bem e muda rapidamente de rumo. O inimigo cessa o fogo e afasta-se ainda a coberto de nuvens de fumo. O binóculo de Hardy não consegue permitir que os seus olhos ansiosos penetrem para além das cortinas densas que caem sobre o mar. Mas o fumo diluiu-se. O inimigo vai longe e perde-se de vista.

Põe-se um novo problema perante Hardy: Tem exactamente meia dúzia de mortos e poucos mais feridos, mas isso é nada, numa guarnição de 380 homens; tem as máquinas

intactas e o seu navio não mete água, mas faltam-lhe munições. Consumira-as quasi tôdas num duelo heróico, feroz, de que o telégrafo falaria ao mundo, afinal, em escassas e descoloridas palavras.

Hardy sente-se tentado a lançar-se na perseguição, tanto mais que não sabe se o inimigo retirou também por falta de munições ou com avarias graves.

Sereno e reflectido, sabendo dominar os impulsos do seu espírito marinheiro e da sua bravura, Hardy resolve entrar em Montevideo, onde algumas horas bastarão para reparar as avarias sofridas.

E assim, demanda o Rio da Prata, dobrando a Punta del Este deante da qual passara, um ano antes, ferido de morte, o famoso "Graf Spee",...

Hardy não ficara ainda um herói, mas revelara-se um exemplo admirável de valor profissional, de bom senso, da serenidade e da persistência, típicas da raça britânica. Melhor oportunidade viria... Entre as qualidades dos grandes chefes deve figurar o mérito de reunir as probabilidades de êxito ao momento azado para o alcançar.

Estas duas condições não se verificavam quando o corsário alemão se perdeu nos prismas do binóculo de Hardy...

MAURÍCIO DE OLIVEIRA

COMO SE VÊEM OS ASTROS

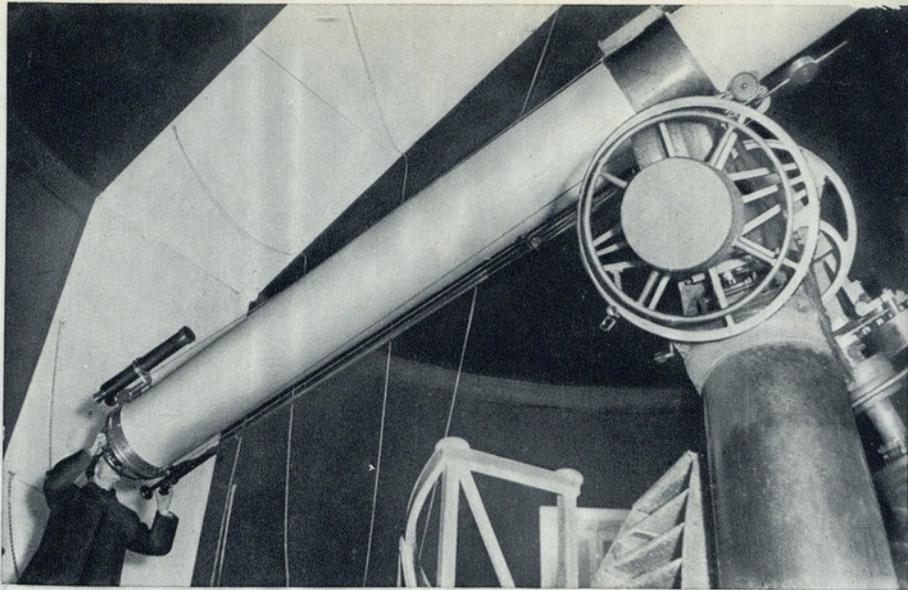
É da eterna insatisfação do próprio saber que o homem vai juntando, dia a dia, sem cansaços, sem desfalecimentos, persistentemente, novos materiais para o edifício magestoso do Conhecimento. Para além da análise directa dos fenómenos que o rodeiam e que pode observar a olho nu, penetra no mundo desconhecido dos infinitamente pequenos e dos infinitamente grandes para arrancar-lhes os seus segredos.

É a luta magnífica, heróica acima de todas, pela conquista da Verdade. Das aparências, evidencia realidades. Rolam os anos e os séculos perdendo-se no horizonte inacessível da Eternidade, e a batalha continua, cada vez mais bela, cada vez mais grandiosa. Cada golpe é uma nova luz a brilhar num ponto do Universo.

É, por ventura, a Astromia a mais bela das ciências. Se fôsse possível todos os homens serem astrónomos, haveria menos egoístas. É a calma contemplação do firmamento que nos reduz às verdadeiras proporções, que nos esmaga implodidamente. Essa gigantesca esfera onde tremulam milhões de pontos luminosos dir-se-ia que nos sufoca, que se aperta e contraí como uma câmara de turtura, para dar-nos a realidade da nossa grandeza perante o mundo que foge e se perde de vista.

E, quando os nossos olhos prescrutam através das lentes das lunetas ou dos espelhos dos telescópios, quando a esfera negra da noite se alarga e os pontos trêmulos de luz são faróis gigantescos a iluminar o caminho do Infinito, perdemos de nós próprios confundidos na distância que nos separa dos novos mundos que surgem. E tão fantásticas são essas dis-

O que se passa lá em cima? Onde está Marte, que ensangüenta agora a Terra?



Este «canhão» de longo alcance é a mais potente luneta do Observatório



Neste cronógrafo construído há 60 anos, no Observatório, regista-se o tempo. Tem o nome de Campos Rodrigues e seu inventor, a quem a astronomia muito deve

tâncias que o homem teve necessidade de criar uma unidade de medida para elas: o ano-luz. Se um raio luminoso percorre trezentos mil quilómetros num segundo, imagine-se quantos quilómetros percorre num ano. Nada menos que 31.536.000 vezes 300.000. Pois a estrela «Arcturus», da constelação do «Boieiro», por exemplo, dista de nós 125 anos-luz; a «Sirius», a estrela mais brilhante do céu, da constelação do «Oriente», está afastada «apenas» nove anos-luz. Outras, porém, encontram-se a cem, mil, quarenta mil e mais anos-luz.

E as dimensões e velocidades de milhões e milhões de sóis que gravitam para além do sistema solar, determinados com auxílio da mecânica celeste? A «Betelgeuse», da constelação do Oriente, tem 420 milhões de quilómetros de diâmetro, enquanto o nosso Sol tem somente um milhão e quatrocentos mil, e a terra 12.756. O Sol está para a «Betelgeuse» como um grão de chumbo de caça está para o maior dos balões cativos da defesa de Londres. Se diminuirmos a grandeza do grão de chumbo um milhão e quatrocentas mil vezes, temos a terra comparada com a «Betelgeuse».

O catálogo de Lewis Bon, do Instituto Carnegie tem registados os movimentos de mais de 6.200 estrelas. A sua velocidade média é de 35 quilómetros por segundo. A 61.ª da constelação do «Cisne», no entanto, percorre 82 quilómetros por segundo; a «Mu», da «Cassiopeia», move-

-se a 166; outras, ainda, deslocam-se a mil quilómetros por segundo.

E os números continuariam, sempre esmagadoramente grandes, se fôssemos mais além, onde há ainda astros que resistem aos mais potentes telescópios.

Agora, foi o cometa Cunningham a ferir a curiosidade dos sábios. Desde o cometa de Halley, em 1910, que não se proporcionava espectáculo semelhante. Foi Leland, do Observatório de Harvard, o primeiro a descobri-lo, logo que entrou nos domínios do sistema solar. A medida que se aproximava da terra, cuja orbita cortou no dia 25 de Dezembro, a observação tornava-se mais precisa e o estudo mais fácil. A cauda, que mede 30 milhões de milhas, apareceu com um rastro luminoso de rara beleza. Neste momento, ainda ele percorre o sistema solar a caminho de Venus, para tornar a cortar a orbita da Terra em Fevereiro e abandonar o nosso sistema, em Março.

Receamos o ruído dos próprios passos quando atravessamos a portã dum observatório. Ali, tudo é silêncio. Na abóbada cortada diametralmente, a faixa negra da noite com os seus segredos e os seus mistérios fixa-nos com centenas de olhos pequeninos e distantes.

Acolá, oscila um pêndulo. São as «horas a gotejar na Eternidade». Os olhos dos homens fixam-se nos olhos longínquos da noite. E a luta silenciosa, de ontem e de sempre, continua.



O lago grande do jardim, com a «Filha de Reis guardando patos...»



O «Cavador», de Costa Mota, expressão vigorosa de estatuária moderna



Qual o sítio mais bonito de Lisboa?

Responde *Fernanda de Castro*

LISBOA de mil cores tem mil aspectos. No seu romance cidadão, elaborado através de séculos de glória, não faltam recantos pitorescos, perspectivas grandiosas, pormenores de graça campestre, e fundos de gloriosa legenda. A nossa pergunta vai correr os poetas, os escritores, os artistas, os arqueólogos, numa palavra todos os apaixonados da noiva do mar, com o seu diadema de ouro do Castelo, e os seus olhos azuis da côr do céu. Uns dirão que é a rua onde nasceram, no seu eternecimento de saúde, outros este jardim, onde as olaias florescem e, pela primeira vez a vida os enamorou; outros ainda, Lisboa revolta, labirintica, vista duma das suas sete colinas que se debruçam sobre ela, contemplando-a amorosamente.

Fernanda de Castro, a grande poetisa da «Cidade em Flor» é a primeira a depôr neste inquérito. O seu nome que tão fulgurantemente resplandece, nas letras portuguesas, deu-nos este artigo primoroso, que é um cântico triunfal de luz à velha cidade do Tejo.

Se me tivessem perguntado: «Qual é a seu ver, o sítio mais bonito de Lisboa?» — ser-me-ia difícil responder pois adoro esta cidade de altos e baixos, feita de saborosos contrastes, cortada de avenidas e pontuada de becos mas toda ela batida pelo sol e banhada pelo Tejo.

Perguntaram-me, porém: — «Qual é o sítio de Lisboa que prefere?» — e então respondo sem hesitar: O Jardim da Estrêla. Porque? Porque foi a verdadeira pátria da minha infância, uma pátria cujas fronteiras eram grades de pontas aguçadas, impossíveis de transpôr. Tinha então dez anos e era uma estranha raparquinha de tranças que vivia, com quatro irmãos, num rés-do-chão da rua de S. Bernardo. A casa não tinha quintal e era pequena para a nossa imaginação. Em frente, o Jardim da Estrêla, era como se nos pertencesse, como se fôsse a continuação feliz daquele apertado rés-do-chão. De manhã, de tarde, nos dias de semana e ao domingo, por todos os tempos, para lá fugíamos logo que podíamos escapar às garras da gramática e da aritmética. E, então, éramos alpinistas na «montanha russa», beduínos no deserto, exploradores na floresta, fei-

ticeiros na gruta... E' certo que a montanha se escalava em dois minutos; que o deserto era um taboleiro de ervas ressequidas; que a floresta não era mais do que um pedaço de terreno inculto, povoado de urtigas, onde esfolávamos os joelhos e rompíamos os bibes; que a gruta, em boa verdade, nada tinha de misteriosa mas tudo isto, que hoje vejo à feia luz da realidade, era então mistério, sonho, ventura... O Jardim da Estrêla! De outra fonte não brotaram os versos que abrem o meu livro «Jardim» e até este florido título nasceu das mesmas longuicas recordações.

O' meu Jardim perdido na distância, encantado jardim da minha infância, eras tu a alegria dos meus olhos... Onde estará meu bibe azul de folhos e a fita que prendia os meus cabelos e o meu chapéu de laços amarelos?

O meu bibe rasgou-se nos espinhos e anda agora espalhado pelos ninhos...

a fita do cabelo era vermelha, tomou-a, com certeza, alguma abelha por uma flor estranha e tropical...

O' meu jardim, conta-me os teus segredos... Já não entendo a voz dos arvoredos, não sei onde os pardais fizeram ninho, nem talvez já me lembre do caminho que terminava num palácio aquático onde vivia um cisne branco e exótico... Tinha o cisne a leveza singular duma pluma, dum sonho à flutuar

É mais tarde, dez anos mais tarde, quando me abalancei a escrever em francês — tarefa que se me afigurava impossível, foi ainda este jardim que me deu o primeiro tema:

... Me voici de nouveau parmi tes herbes folles, parmi tes cygnes noirs, tes ronces, tes corolles... me voici, vieux jardin... Derrière ta grille je serai de nouveau cette petite-fille qui mangeait tes bourgeons, déterrât les racines et s'écorchait les doigts à toutes les épines.



O «Despertar», de Simões de Almeida. Uma mulher, simbolizando a natureza, parece cantar a alegria do sol

Que fais-tu maintenant, petite robe blanche, où es-tu, à présent, mon chapeau du dimanche, que sont-ils devenus tes rubans, tes épis? Se beau noëud qui tenait mes cheveux insomnis si rouge et si joyeux, d'une chair de pétale, avait l'air d'un oiseau, d'une fleur tropicale... Et mon chapeau fleuri, mon merveilleux chapeau, peut-être a-t-il été l'improvisé barreau des châtons miaulants de quelque chatte errante, Ah, ce plaisir sans nom de toucher chaque plante, de goûter chaque fruit de sentir chaque fleur, de retrouver enfin la merveilleuse odeur, le goût acidulé de ma oúvage enfance!



Vila Viçosa já tem uma aldeia nova que é este lindo bairro batido de sol e florido de sardineiras.

UMA PORTA E UMA JANELA!...

Portugal povoa-se de aldeias brancas. Hoje uma, amanhã outra. Nascem no meio das serras, numa floração de neve; estendem-se nas margens dos rios tranquilos onde se reflectem num sorriso de alegria ou, então, coroam os subúrbios das cidades descobrindo os horizontes mais belos da paisagem em perspectivas ainda inéditas para a visão.

O sol beija-as contente de entrar à vontade pelas janelas largas, sem pedir licença a uma empena hostil, ou descer, timidamente, a parede salitrosa de um saguão coberto de detritos.

Brinca nos quintais tamaninos, como lenços de assoar, garridos nas suas ramagens naturais de flores, onde há sempre uma serpe de madresilvas perfumadas e duas rosas vermelhas como corações apaixonados.

Já não existem os bairros de lata feitos de materiais arbitrários, estendal de miséria pungente, que cercavam, com os seus acampamentos de farrapos, as cidades e que eram uma triste recordação da outra guerra.

Não existiam apenas, é bom dizê-lo, em Portugal. Havia-os por toda a parte, mais desesperados ainda na sua fisionomia faminta e trágica. Insalubres, tristes, batidos pelo vento, a tiritar de frio e encharcados de chuva, horríveis na sua promiscuidade humana, esses bairros negros eram como que os destroços do terrível naufrágio económico que assolara a Europa.

Mercê do Estado Novo, os trabalhadores portugueses já têm hoje o seu lar, uma das tais casinhas brancas, com uma porta e uma janela, mesmos duas, que é deles pago lentamente em prestações de rendas, onde a vida decorre feliz e tranqüila, sem medo do senhorio, nem das incertezas do dia de amanhã. A obra das casas económicas atingiu notáveis proporções. Lisboa está rodeada dessas pequenas cidades, com escola, cinema, teatro, biblioteca, postos de socorro, etc. que se bastam a si próprias. Na provincia sucede o mesmo. No mês passado, coube a vez à Covilhã de inaugurar o seu bairro. Mas há-os também no Porto, Braga, Funchal, Olhão,

Portimão, Viana do Castelo, Vila Viçosa, S. João da Madeira, Bragança, já baptisados e habitados — casinhas novas, muito ridentes e compostas, algumas até com o seu ar de luxo, palácios de sonho que mais de um milionário certamente invejará.

Já repararam que os prédios também têm a sua fisionomia? E que a sua felicidade íntima se reflecte na parede? Pois são assim as moradias dos trabalhadores portugueses.

Muito caiadas, entre flores, de gelsias verdes beirais onde as andorinhas nêdificam e um alpendre onde nas tardes de sesta as crianças brincam e cantam — elas são uma imagem d'este Portugal doce, sereno do seu destino, que assim constroi os mais belos e úteis monumentos da vida humana.

E a tarefa magnífica prossegue. No próximo ano, cinco mil trabalhadores terão o seu lar individual. Portugal cresce!

«Somos mais, somos melhores» — disse Salazar, a quem se deve também o espirito e a realidade desta frase que é uma das melhores legendas da sua politica de reconstrução nacional: «enquanto houver um português sem lar, a Revolução continua.



As casas brancas parecem noivas no meio da paisagem rural. A luz canta nas suas fachadas pequeninas



As crianças brincam entre flores. As casas dos operários fazem inveja a muitos milionários.



Cópia de um retrato de Camões, que pode considerar-se verdadeiro, feito por ocasião do seu embarque para a Índia



Um belo retrato de Sir Richard Fanshawe, o primeiro tradutor inglês dos «Lusiadas», atribuído a Vêlasquez.

OS LUSÍADAS, POEMA UNIVERSAL

A PRIMEIRA TRADUÇÃO INGLÊSA

A primeira tradução inglesa dos Lusíadas foi publicada em Londres, em 1655, sendo seu autor Sir Richard Fanshawe, letrado pela Universidade de Cambridge, homem viajado e culto, hábil diplomata que exerceu actividade nas Côrtes espanhola e portuguesa, e casamenteiro do rei restaurado Carlos II com Catarina de Bragança, filha de D. João IV:

The Lusiad, or, Portugals Historical Poem: written in the Portingall Language by Luis de Camoens: and now newly put into English by Richard Fanshaw: Esq;

London, Printed for Humphrey Moseley, at the Prince's Arms in St. Paul's Church Yard, M. DC. LV.

Fanshawe, na tradução, conservou a forma original — oitava rima — tendo-se cingido de perto ao texto. O seu estilo bombástico, porém, prejudicou a espontaneidade do poema. Deve-se notar que a obra de Fanshawe foi publicada sem o seu consentimento ou simples conhecimento, faltando, assim, os necessários retoques finais. Contudo, duma maneira geral e contra a opinião corrente, a sua versão, além do interesse histórico, ainda hoje se lê com relativo agrado.

Todas as outras traduções inglesas se basearam, confessadamente ou não, nesta, que representa um apreciável esforço na introdução de Camões em Inglaterra. Por isso, olhemo-la com benevolência senão, com simpatia, apesar dos seus provérbios e sentenças —

pois que foi o ponto de partida e o estímulo das traduções posteriores. Uma vez revelado ao povo inglês, Camões depressa o conquistou. De então para cá, a obra e a vida do nosso poeta nacional têm sido objecto de especial interesse e atenção em Inglaterra. Assim, encontramos na literatura inglesa nada menos do que oito traduções dos Lusíadas, tendo, uma delas, (a de Mickle), tido oito edições. Quanto às suas «Líricas», o mesmo interesse se cercou, sendo a Inglaterra o primeiro país fora da Península a traduzi-las. O livro do Visconde Strangford (Poems from the Portuguese of Luis de Camoens: with remarks on his life and writings. Notes and C. London, 1803) que fez época, teve nada menos do que sete edições. E do soneto «A Formusura desta fresca serra», um dos mais lindos da língua portuguesa, existem, pelo menos oito traduções. O número de livros e artigos em revistas, relativos a estudos camonianos, publicados em Inglaterra, ultrapassou, em muito, a casa dos cem.

Fanshawe, severamente julgado pelos seus críticos, que, na maioria, eram tradutores de Camões, começa a ser reabilitado graças a uma mais desapaixonada análise à sua obra. A sua tradução, hoje raridade bibliográfica, é dedicada ao Conde de Strafford e vem acompanhada da tradução do Satyricon de Petrónio e do Soneto de Tasso dedicado a Camões.

Em homenagem ao nosso poeta nacional e, para mais prática reabilitação do seu primeiro tradutor inglês, devem, brevemente, aparecer duas edições da obra de Fanshawe: uma, facsimilada, editada na América pela Harvard University; e outra, vulgar, em Inglaterra.

CARLOS ESTORNINHO





Os pés mais célebres do mundo! Pés de vagabundo, que sofrem, que falam, rotos de lãda a miséria humana e das grandes ilusões perdidas na poeira das estradas



A tremulina dos pés no asfalto molhado. Reflexos da vida. Diz-me o que calças, dir-te-ei quem és



Um pé elegante, bem lançado, que sabe descer com donairo uma escadaria—a da vida, tanto no palco das ruas como na dos teatros, para a tornar a subir com maior graça.



Uns pés burguezes, cujos saltos parecem palitar as pedras do passeio. A' volta do galbo fino das pernas, a luz irradia. O itinerário é uma linha recta



Os pés robustos do trabalho, plantas vigorosas nascidas na terra plebeia da vida, e que no entanto são lestos e átroso no seu rude caminhar do ganha-pão diário

O BAILADO DOS PÉS

Poder-se-ia reconstituir o itinerário de uma existência seguindo os passos de alguém pelos trilhos da ilusão. Quantas incertezas! quantas desditas! que sudário de amarguras nos revelam os passos indecisos de quem anda na vida sem rumo!

— Tenha paciência! Isto está tão mau!... Que Deus o guie!

E a caminhada recomeça, em passos lentos, arrastados, num esforço doloroso que traduziria aos olhos que os seguissem a odisseia triste das vidas amarguradas.

A's vezes passam por nós figuras estranhas e há nelas qualquer coisa que nos impressiona. Um vago mistério parece atrair-nos a desvendar o segrêdo de uma alma aflita.

— Que estranha criatura!

Mas, porque nos interessou o drama oculto de quem segue o seu destino, em silêncio, sem queixumes nem o ruído clamor que desperta a curiosidade piedosa das multidões sentimentais? Foram os seus passos vacilantes, trêmulos e difíceis, sem ritmo, na cruciante incerteza de quem pisa os maus trilhos da sorte, que traíram o drama do desconhecido. Onde irá findar a agonia daquela alma?!

Na vida, há os que sobem e os que descem. Os passos deles são expressões fiéis de aspirações que elevam ou desalentam que abatem. Os que caminham firmes e resolutos têm o ar calmo e seguro; os seus pés, acostumados a vencer obstáculos, têm sempre o mesmo movimento certo e despreocupado. Mas, os que perderam o rumo e jámais podem orientar-se para a caminhada vitoriosa, êsses que andam no mundo, vencidos, espoliados e sem amparo — quando passam deixam um rasto de melancolia. Nas cidades, entre a multidão em torvelinho, na maré de paixões e egoísmos, quasi se confundem as expressões dos

que passam no vai-vem constante. E' difícil captar, à primeira observação, as particularidades que assinalam o romance das existências torturadas ou a dúvida inquietada das vidas sombrias. São tão diferentes os pés que se acostumaram ao conforto das alcatifas daqueles que caminham perpetuamente pelas sendas da miséria! Pés delicados, ligeiros, de suaves contornos, cheios de graça, que mal poisam no chão, em alada leveza, atraem e têm o encanto do imprevisito nas aventuras amorosas.

— Quem não seguiu os passos de uma mulher bonita?!

Quantos passos perdidos, por amor!

Há escadas que se sobem como se fôsses calvários. E ruas e lugares onde os pés sentem a hostilidade do ambiente agressivo!

Caminhar na ânsia de conseguir o almejado repouso; caminhar para a incerteza, para a humilhação, quantas vezes para o desespero...

Quantos pés doloridos correm a cidade, de lês a lês! quantos tingem de sangue as pedras afiadas, cortantes como gumes! Quantas lutas! quantas desilusões! — em que dramas horríveis desfecham os passos inúteis!

— Tenho pena, mas não posso valer-lhe. Coragem. E' preciso coragem... Que Deus o acompanhe!

E os passos lentos, pesados, levântam écos soturnos que se afogam no silêncio da noite tenebrosa.

— Há quantos séculos ressoam pelo mundo os passos do judeu errante, na sua dolorosa e eterna caminhada!

E os pés do Charlot? Não são bem expressivos os pés do filósofo vagabundo?!

CÉSAR DOS SANTOS



Os pés pararam, finalmente, depois de um dia extenuante de labuta. Uma pausa no ritmo da cidade



O príncipe Olavo da Noruega passando revista à flotilha de destroyers noruegueses incorporados na Armada Britânica



O posto de observação de uma das lanchas de alto-mar ao serviço da Royal Air Force



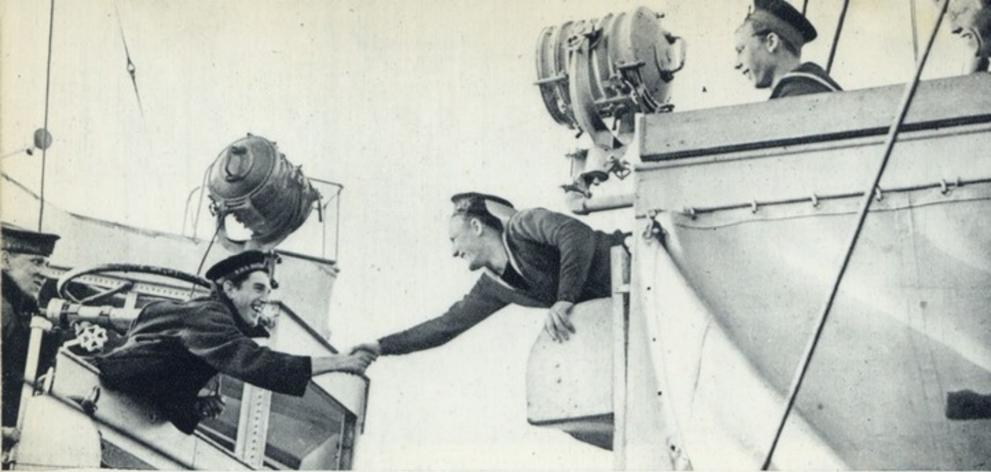
Em qualquer parte se dorme. Este piloto de caça da Royal Air Force, sem largar o equipamento, descansa uns minutos enquanto um alarme o não chama mais uma vez a cumprir o seu dever



Uma secção motorizada inglesa em pleno deserto da Líbia. Cada coluna utiliza bandeiras bem visíveis para estabelecer a ligação



A cavalaria britânica da Palestina é das mais célebres do mundo. Para isso contribui o intenso treino dos seus homens



Um destroyer inglês regressa à base depois dum cruzeiro feliz. Outro vai partir e um dos seus homens da tripulação despede-se do camarada, num efusivo apêto de mão.



A Inglaterra está guarnecida de centenas de milhar destas bocas de fogo. Esta peça de grosso calibre pertence à Artilharia Real da Escócia.



Tôda a Inglaterra é um grande aeródromo. As suas florestas, os seus prados ocultam as asas da R. A. F. Um alerta num dos vastos campos a descoberto



Vôo nocturno. A equipagem dum bombardeiro da Royal Air Force que vooou sobre a ilha de Sylt. Apesar do fogo do inimigo, os heroicos rapazes voltam contentes.



Uma coluna polaca que coopera com as forças britânicas na ofensiva da Libia. São homens robustos, duma resistência a tôda a prova.



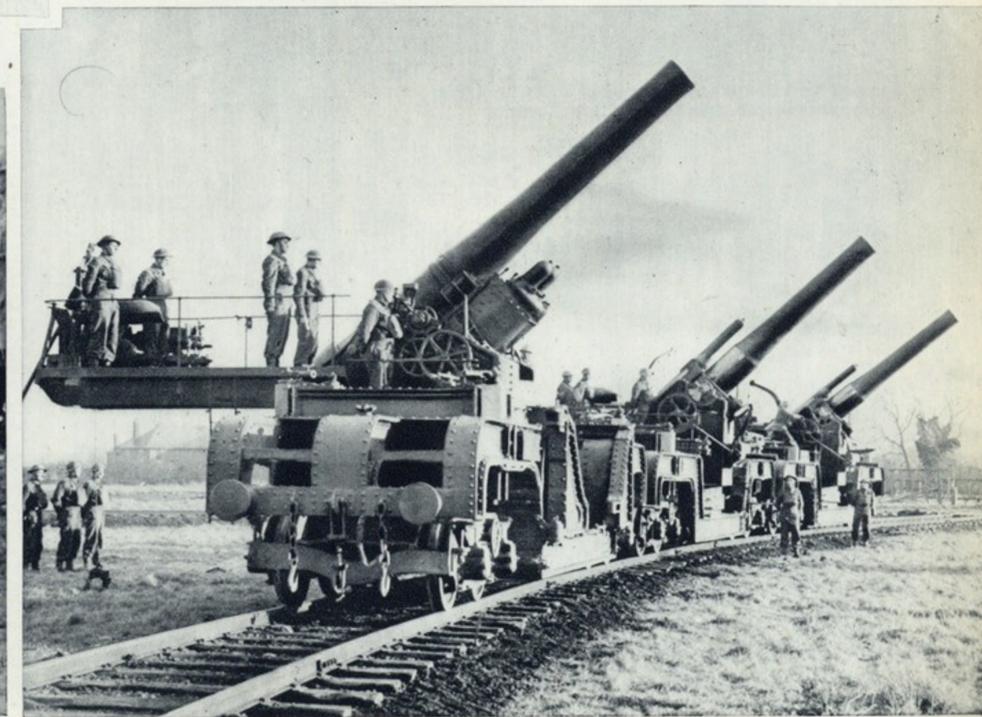
São estes rapazes de vinte anos que defendem o céu do Império. Estão de prevenção, já equipados para ocupar os seus aparelhos ao primeiro sinal.



A bordo dum torpedeiro inglês. As calhas estão guarnecidas de bombas de profundidade, mas há ainda esta reserva para o que der e vier.



O general Wavell (à direita) com o major general W. Platt inspecciona um destacamento de forças inglesas na Libia.



Canhões de grosso calibre que se deslocam ao longo da costa inglesa. A indústria britânica uma das melhores do mundo, parece ter-se excedido nestes monstros de aço.



Uma mina alemã que deu à costa da Inglaterra. A-pesar do seu terrível poder explosivo, homens e mulheres, alegremente, puxam-na para terra



A vista de Tobruk. Um posto de transmissões com dois radio-telegrafistas das forças livres francesas



Os famosos soldados australianos num oasis da Líbia, transportando as suas tendas de campanha



As bombas caem em Londres, mas o moral da população não oferece dúvidas. Esta fotografia é o melhor documento



Dois aviadores alemães cujos aparelhos foram abatidos no céu de Londres, numa estação de caminho de ferro daquela cidade, antes de embarcar



No cais. Um judeu que vai partir, contempla o filho, com saudades de Portugal



A nostalgia da pátria ambicionada perturba esta gente, mesmo na terra hospitaleira e acolhedora

GENTE SEM LAR

A meio da tarde, no cais, cheio de rumores, havia um movimento confuso e incessante de gente em preparativos derradeiros de abalada. Era uma multidão triste, com o ar apreensivo e resignado dos que partem forçados pelas contingências da sorte e deixam em qualquer lugar distante os restos de vidas desfeitas e pedações da própria alma.

As bagagens amontoadas no molhe, que os guindastes estavam a içar para os porões do navio fumegante, prestes a largar, eram destroços dessas existências amarguradas e falavam de dolorosas peregrinações pela Europa ensangüentada.

Tôda aquela gente veio de longe, dos países dilacerados pela guerra, das paragens frias e silenciosas, das cidades opulentas ou das aldeias outrora tranqüilas, em cujo céu passaram as asas negras da morte e onde a terra ficou esventrada, a sangrar. São refugiados que abandonaram os seus lares, as suas afeições, esperanças floridas em promessas venturosas, e aqui chegaram para logo partir, pois a odisséia deles não termina nesta terra acolhedora e amável, onde os homens se sentem inclinados à compaixão pelas dores dos semelhantes.

— Neste país neutral — disse-nos um dos refugiados — sentimos o conforto da

hospitalidade que a todos acolhe, com o mesmo carinho. As autoridades portuguesas e os particulares são para nós amáveis e dispõem-nos idênticas gen-



As bagagens são os destroços das vidas amarguradas e falam de dolorosas peregrinações

tilezas. Os refugiado de qualquer nação dizem o mesmo de Portugal e desta boa gente. Todos levam saudades da vossa linda terra.

O emigrante olha a cidade colorida e o rio que lhe corre aos pés, poisa os olhos na imensidão azul que cobre estes lugares e, com a nostalgia do paraíso perdido, murmura:

— Que lindo céu... que águas tranqüilas... Terra bonita...

Ao longo do cais, grupos de viajantes dirigiam-se aos postos e armazéns alfandegários, a cumprir formalidades indispensáveis, enquanto o movimento aumentava, os montes de bagagens cresciam e, até ao extremo da muralha, a multidão prosperava e ia alastrando, inquieta, em torvelinho, como a onda, em baixo, a correr aflita e a desfazer-se em espuma.

O paquete ia largar e perdiam-se ao longe os ecos em remoinho de um silvo angustiado. Estava cheio de gente e viam-se nas amuradas, à luz magoada do crepúsculo, silhuetas tristes, rostos com expressões de amargura que contemplavam, reconhecidos a cidade enamorada.

A pouco e pouco, o cais tomava o aspecto de uma feira em desbarato. Uns subiam apressados para o barco que balouçava suavemente e os últimos do aglomerado descansavam sobre os fardos,



Este garoto de olhar doce talvez, um dia, se lembre da nossa terra sedutora e cheia de luz.

indiferentes, resignados e pensativos. Alguns procuravam a soledade de qualquer recanto, entre sombras, e ali abandonavam-se às suas perpétuas meditações, com as cabeças recostadas nas malas e os olhos postos no céu, como Jacob quando, em Haran, «tomou uma das pedras daquele lugar e a pôs por sua cabeceira».

Nada os perturbava na sua íntima melancolia e estavam ali mulheres de rostos morenos e olhos doces, lindas mulheres hebreias com os filhos no regaço; manebos de olhar profundo e pensativo, velhos de barba farisaica e o aspecto venerável de patriarcas, conformados e mediatibundos, e crianças, como revoadas de anjos, que «tinham os olhos cheios de infinitos», suaves e iluminados como os olhos de Jesus. Esta raça cresce e multiplica-se por toda a parte. E como seria possível exterminar os judeus de sobre a terra? Pois o Senhor disse: «Eu multiplicarei a tua semente como as estrelas do céu e as areias do mar; e, se alguém contar as areias do mar poderá contar os teus descendentes».

O navio afastou-se do cais, com lentidão, e, algum tempo depois, vogava ao largo, rumo ao Novo Mundo.

Mas, a reportagem não acabou ainda, e é preciso dizer que, desde o início da guerra, passaram por Portugal mais de trinta e dois mil refugiados israelitas, vindos da Alemanha, da Bélgica, da Holanda, da França, de qualquer parte de onde a guerra afugentou as populações.

Por aqui passaram reputações mun-



O paquete ia largar e os emigrantes aguardavam, impacientes, o momento de embarcar.

diais, figuras célebres de cientistas, milionários ou artistas — nomes conhecidos das multidões. Passaram os Mahn, escritores de fama universal: Thomas, prêmio Nobel da Literatura (1929), autor da «Montanha mágica», e seu irmão Heinrich, o autor de «As Deusas»; Léon Tenchtwanger, outro nome de projecção na república das letras; Werfeld, o maior poeta checo; Maxa Nordeau, filha do autor célebre de «A psicologia das multidões»; Aronsohn, um dos maiores escultores da época; Dailio, artista de cinema, intérprete de «A casa do maltês» e Jeanine Crispin; Mané-Katz, o famoso pintor modernista; e o célebre professor de Medicina, holandês, Van der Reis, descendente de judeus portugueses, e a família dos milionários Rostchild, e, ainda, os escritores franceses, irmãos Joseph e George Kessel, e muitas outras celebridades que iludiram olhares e curiosidades indiscretas.



Na Cozinha Económica Israelita de Lisboa. Os judeus tomam as suas refeições, num ambiente tranqüilo e de solidariedade.



«O judeu é dado a preocupações divinas e a sua verdadeira pátria está em Deus.»



O dr. Augusto d'Esaguy, presidente da Comissão Portuguesa de Assistência aos Refugiados, atende, no seu gabinete, os emigrantes israelitas.

Passaram judeus ricos e judeus pobres, outros que foram abastados e perderam a fortuna, sombras, personagens famosas e figuras humildes.

Há em Portugal uma organização admirável de judeus, para assistência aos seus irmãos de raça, que tem instituições próprias e, agora, com o afluxo de refugiados, ampliou a sua acção, adaptada às circunstâncias. Todos os judeus, sem distinção de classes ou preocupações de qualquer ordem, auxiliam a sua organização ou dela recebem carinhoso amparo e quanto precisam.

A Comissão Portuguesa de Assistência aos Judeus Refugiados é presidida pelo sr. dr. Augusto d'Esaguy, médico e escritor consagrado, espírito lúcido, robustecido por invulgar cultura, uma das figuras proeminentes da colónia israelita em Portugal. Os judeus muito devem ao ilustre cientista e homem de letras, que sacrifica a clínica e outras solicitações da sua vida profissional e particular em prol dessa missão de solidariedade.

— A Comissão — diz-nos o distinto clínico — foi fundada em 1933 e teve como primeiro presidente o prof. dr. Adolfo Benarus, hoje retirado. Ela representa em Portugal as organizações americanas «Joint» e «Hias».

E o dr. Augusto d'Esaguy acrescenta:

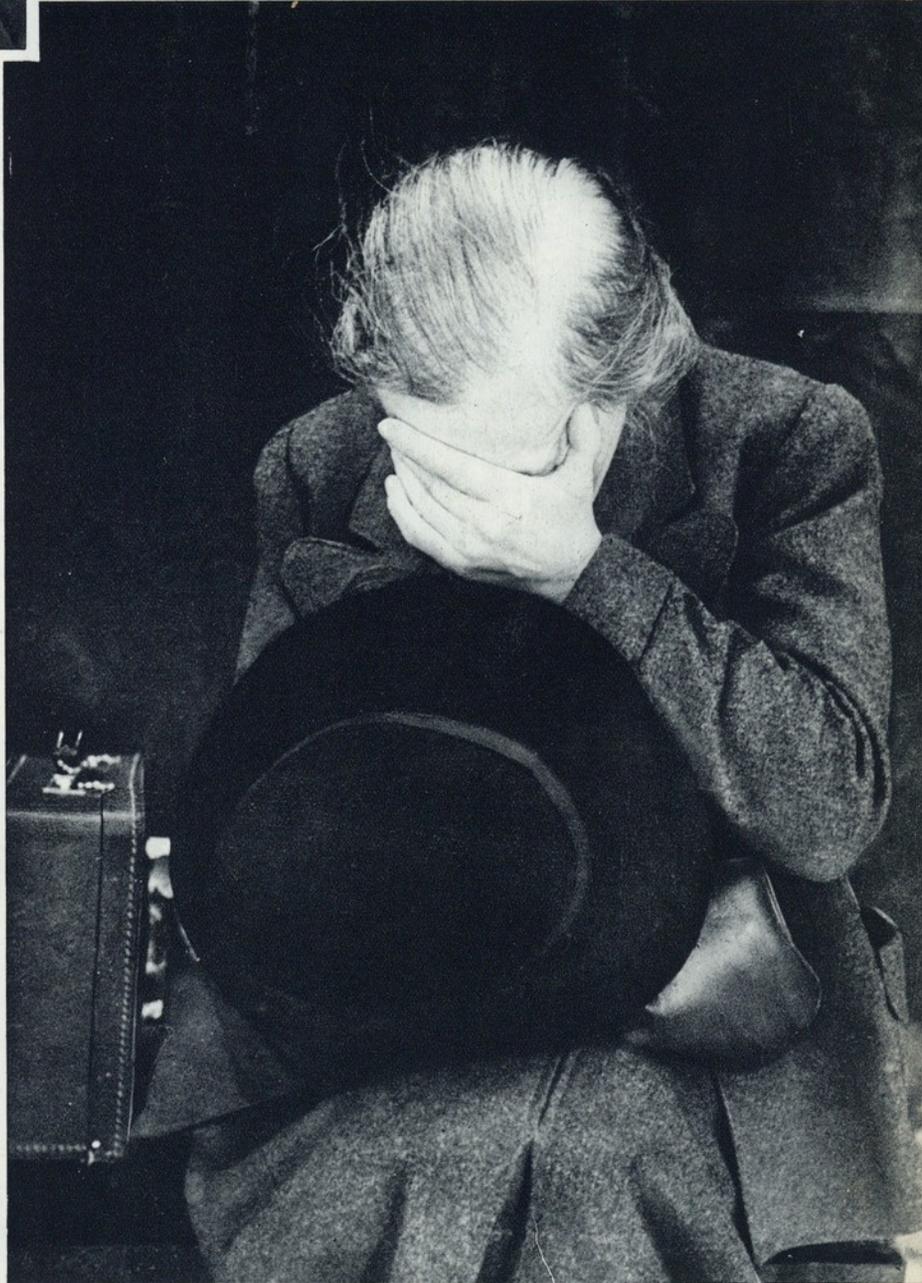
— A primeira fornece os fundos para sustento dos refugiados e as duas últimas encarregam-se dos processos de emigração e viagem.

O dr. Esaguy que é, também, membro do «comité» administrativo do Congresso Mundial Judaico (New-York), director da «Hicem» e representante da «Joint», em Portugal, elucida-nos quanto à acção deste último organismo.

— E' preciso dizer que, sem o esforço admirável da «Joint», presidida na Europa por Morris C. Troper, seria possível manter e fazer evacuar os judeus refugiados que vieram para Portugal.

A acção de tal organismo não se circunscreve, naturalmente, a Lisboa, e faz-se sentir por toda a parte onde quer que cheguem refugiados. A obra de assistência aos israelitas abrange todo o país e é exercida, especialmente, no Pôrto, em Coimbra, na Curia, na Figueira, nas Caldas ou nos postos da fronteira.

Há, ainda, em Lisboa a Cosinha Económica Israelita, que funciona, há anos, e é mantida pela Comissão de Solidariedade Permanente. Está instalada na travessa do Noronha e ali têm os refugiados e judeus pobres as suas refeições, num ambiente confortável e familiar, onde tudo se conjuga para lhes dar a noção da soli-



A odisseia dos judeus refugiados desperta-nos visões da Bíblia. Eis uma imagem de Raquel a chorar os filhos.



Enquanto aguardavam a entrada no paquete, os judeus olhavam o céu, entregues às suas eternas cismas

dariedade entre os da sua raça e onde nunca sentem a humilhação da esmola. São preparadas ali quinhentas refeições, duas vezes por dia.

—A mesma comissão—diz o dr. Esaguy—subsidiada, ainda, o Hospital Israelita, para os refugiados doentes. Nessa obra de assistência aos enfermos tem sido incansável pelo seu esforço e pela sua dedicação, a sr.^a D. Miriam Levy, que é directora e administradora do hospital, e cujas altas qualidades a torna crêdora da nossa maior simpatia e admiração.

«Tôda a nossa obra de assistência—acrescenta o nosso amável interlocutor—que atinge alguns milhares de contos por ano, é dirigida pela tesoureira da Comissão, D. Mimi Sequerra, senhora virtuosa que em um sentido humanitário perfeito».

Como acentuámos a importância de tal movimento, o dr. Esaguy esclarece-nos: —A Comissão de Assistência aos Judeus Refugiados tem trazido milhares de contos à economia do país. E basta dizer que alimenta, hoje, as carreiras de navegação portuguesa para a América.

«Tôda esta obra seria impossível—frisa o dr. Augusto d'Esaguy—sem a colaboração da Polícia Internacional, dirigida pelo sr. capitão Agostinho Lourenço, à qual, como a outras instituições, os refugiados dispensam elogiosas referências e entre êles algumas das mais eminentes individualidades que passaram pelo nosso país e apreciaram a cativante gentileza e hospitalidade dos portugueses».

Inquirimos, depois, do destino dos refugiados que aqui embarcaram e sabemos que, na sua totalidade, seguiram para a América do Norte, Brasil, Argentina, Cuba, Equador e S. Domingos, onde foi instalada uma colônia agrícola, em moldes perfeitos, para os emigrantes robustos e sádios que reúnam condições para a tarefa de agricultores. E disse-nos, também, o dr. Esaguy que nenhum dos refugiados fica em Portugal, pois todos partem para o Novo Continente.

Quando saímos da sede da organização judaica, entravam alguns refugiados, com o mesmo ar pensativo e triste com que todos os outros nos emocionaram. Tornamos a vê-los, depois, mais alegres, já com um pálido sorriso, nas ruas da nossa cidade, onde a-pesar do frio que entristece as próprias coisas, ainda a chama do amor acalenta as almas.

Fotografias feitas em Lisboa pelo famoso repórter do «Cine-Monde» Roger Kahan, actualmente no Brasil. Ilustração o livro «Refugiados», a editar na América, sobre os emigrantes israelitas que passaram em Portugal, da autoria de dr. Augusto d'Esaguy e de Roger Kahan



O secretário da Comissão Portuguesa de Assistência aos Judeus Refugiados, sr. Jacob Sequerra (à direita)



No refeitório da Cozinha de Lisboa, à hora das refeições, israelitas sonham com o conforto de um lar



MASCOTES DE GUERRA

São as companheiras inseparáveis dos soldados da Gran-Bretanha. Com elas nas fuselagens esguias e elegantes dos aviões, os bravos rapazes da Royal Air Force partem a sorrir — o sorriso que é o seu triunfo — em busca do inimigo. Com elas, os alegres "tomys", marcham para a luta a cantar e os marinheiros do Império levam a Armada Real a todos os mares do mundo.

São um constante desafio à morte, onde quer que ela esteja, um desafio irônico, sorridente, um desafio que é uma certeza — a certeza de vencer. E a morte afasta-se para deixar passar, altiva, a mocidade gloriosa de Inglaterra.

Pois quem duvida que as mascotes fazem milagres de bravura e de heroísmo? Quando o perigo se avizinha, dir-se-iam coraças do aço mais duro a proteger arcanos de energia e de audácia. E parecem tão frágeis! Um "mickey" impertinentemente risonho ou um grilozito circunspecto com a consciência do "Senhor," Pinocchio, no corpo afuselado de um "caça"; uma cabrinha de olhos meigos, dócil e resignada, acompanhando uma formatura; um cãozito rasteiro e peludo, jovial e brincalhão, no convez de um couraçado; um gesto apenas, muitas vezes, consagrado por um grupo e até por um povo inteiro, dominado pela mesma fé na vitória. Mas, é precisamente nessa fragili-



dade quasi imaterial que se oculta toda a transcendência do seu poder. Há forças imponderáveis a que nada resiste, nem mesmo a morte. Elas são o próprio espírito britânico — a mais extraordinária dessas forças. Cada mascote é uma legenda de bom-humor.

É a guerra feita a ri — de todas as ameaças e de todas as vicissitudes. E, quando assim é, pode confiar-se absolutamente no moral de um povo.

Essas mascotes graciosas, otimistas, não são produto de superstições grosseiras. Só o desconhecido faz o homem supersticioso. E os soldados da Gran-Bretanha sabem o que querem. Confiam no valor alheio como no próprio e, assim, adquirem a consciência do extraordinário potencial que representará o somatório dos valores individuais.

As suas mascotes são o índice dessa confiança.

Quando do céu de Inglaterra chove impiedosamente a metralha dos aviões inimigos, avulta sobre os montões de destroços fumegantes o sorriso irônico e otimista de um povo que quer lutar e vencer e que, de polegares arrebitados, deixa vibrar no espaço, como uma gargalhada estridente, a sua canção-mascote — o "lambeth walk,,

W. Gilbert



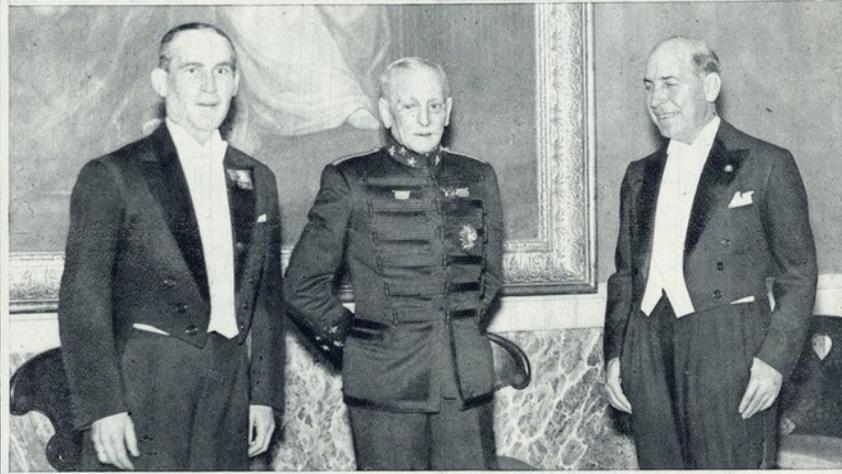
FIGURAS E FACTOS



Willkie à saída da Assembleia Nacional, depois de ter apresentado os seus cumprimentos ao sr. dr. Oliveira Salazar.



Willkie, americano 100%, conversando com o ministro do seu país, em Cabo Ruivo.



O sr. presidente da República e ministro da Educação no Teatro D. Maria, com Carlos Selvagem, autor da peça «Encruzilhada».



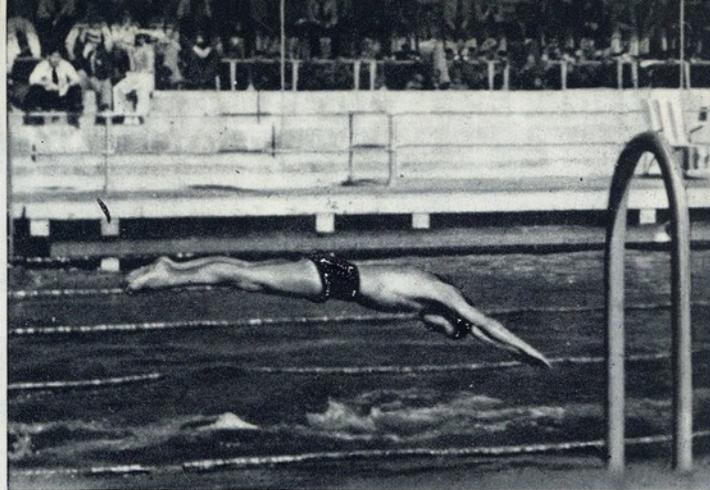
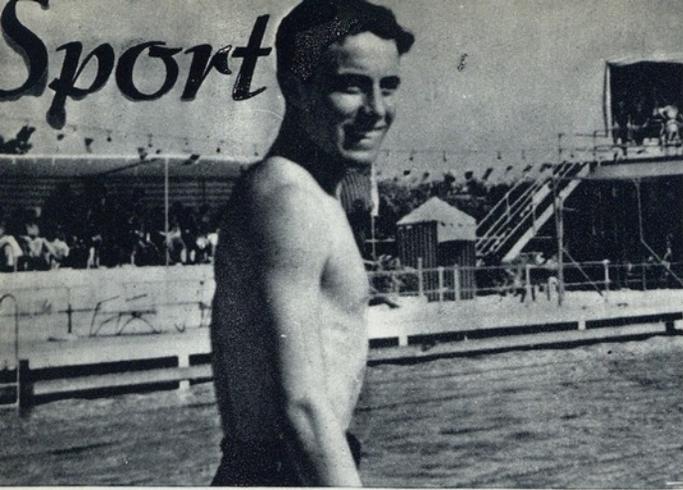
O sr. ministro da Marinha recebe os cumprimentos do sr. dr. Trigo de Negreiros, subsecretário das Corporações e dos presidentes das casas dos pescadores.



O almoço dos prémios literários do Secretariado de Propaganda Nacional, presidido pelo sr. António Ferro.



*Luar de Janeiro,
Fria claridade...
A' luz d'ele foi talvez
Que primeiro
A boca de um português
Disse a palavra saúde...
AUGUSTO GIL*



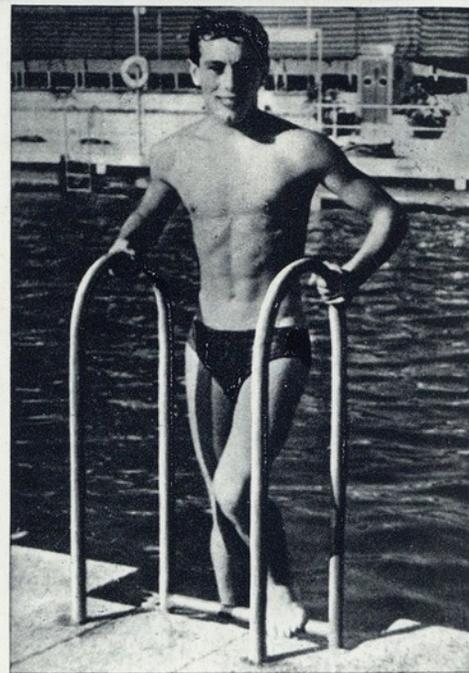
Mário Simas

o melhor nadador português

A natação é um desporto admirável, sob todos os aspectos. Devia ser o nosso desporto nacional, num país de tão grande orla marítima e cortado por tantos rios. Mas, não é assim. E a razão está, porém, na falta de piscinas apropriadas e aquecidas. O belo exemplo do Algés e Dafundo, êsse magnífico club de Bessone, do saudoso Florêncio, de José Alves e tantos outros, que constitui um belo exemplo, nem sempre tem sido compreendido por todos. E é pena, porque temos admiráveis condições naturais para os desportos náuticos e, particularmente, para a natação. Bessone Basto, Basílio, António Soares, Alves Miguel, Silva Marques, foram autênticos campeões que uma maior actividade internacional teria ajudado a revelar entre a primeira fila dos melhores nadadores. Na geração actual, entre um excelente núcleo de novos, educados e preparados no Algés e Dafundo, o primeiro lugar é ocupado agora por um rapazito, mas que tem todo o estofado dum grande campeão. É discípulo de Alberto Azinhas e producto da piscina do Algés e Dafundo. Trata-se de Mário Simas. 18 anos apenas, e uma bráçada de records nacionais e da Península. É impressionante a história do progresso, em função de melhoria de tempos, de ataque aos records, por êste jovem nadador que há quatro ou cinco anos, era um infantil inexpressivo... Açoreano, nascido na Horta, veio com 10 anos para Algés. A praia e a piscina tentaram-no e um bom mestre entusiasmou-o. E, em breve, iniciava a feira dos seus belos triunfos. Em 1937, é principiante e, nesse ano, galga a categoria dos júniores e aparece a par dos azes, com uma nota impressionante:— o seu estilo, correctíssimo,

com uma facilidade e leveza de movimentos fora de vulgar, sem esforço algum e uma propulsão pouco comum; em 1938, há dois anos, e 16 de idade, bate o primeiro record. Numa prova de categoria olimpica, igualou o tempo dos 100 metros costas, de Fernando Leal, outro excelente nadador, que estava em 1,19. Mas, logo a seguir, fez tombar o record para 1,17 e 1/10 e, nos campeonatos regionais, consegue 1,16, tempo que melhora ainda, quando o Algés e Dafundo traz a Lisboa os célebres campeões alemães. O seu record, ficou em 1,16 — mas estava ainda longe dos melhores tempos internacionais. Em 1939, dá um verdadeiro pulo: 1,13 e 1/12. Mas não é tudo. Pôsto em confronto com os húngaros, que são dos melhores nadadores da Europa, êle realiza a sua primeira grande proeza. O campeão húngaro e finalista do campeonato da Europa é derrotado pelo pequeno nadador português, que realiza um tempo de marca internacional: 1,11 e 2/5. Depois, tenta novas proezas e ataca bons records. Faz 2,44 e 4/5 em 200 metros de costas. E tenta os 100 e 200 metros livres em crawl e estabelece os novos tempos portugueses em 1,4 e 2/10 e 2,31 e 4/10.

Na época passada, o pequeno campeão vai a Espanha. Barcelona, Madrid, Palma de Malhorca, tem ocasião de ver o nadador português e de o aplaudir. Na Catalunha, bate o novo record nacional dos 100 m. de costas, que baixa para 1,3 e 9/10, e dos 100 m. de costas em 1,11 e 6/10, que foi o melhor tempo feito até hoje naquela piscina pelos mais célebres nadadores. No regresso, não param os seus triunfos. Os 200 m. livres baixam para 2,29 e 3/10 e em luta com o campeão de Espanha, nos 100 m.



costas, novamente melhora o record nacional e o da Península com o excelente tempo de 1,10 e 9/10.

Mário Simas, com estes tempos, entra na categoria dos dez melhores campeões europeus, na opinião dos famosos húngaros e pelo cotejo das suas performances.

O nosso Comité Olimpico, nos seus preparativos para os jogos olímpicos da Filândia, tinha fundadas esperanças neste nadador e, realmente, foi pena que a guerra viesse impedir a sua realização. Mário Simas, nessa competição mundial, seria sem dúvida alguma uma grande esperança da natação portuguesa. Em luta com os mais célebres campeões, êle devia impôr-se. O seu ar infantil, a sua pequena estatura, o seu estilo de perfeição inexcelável, à base de souplesse e de movimentos em que não falta a graça e a sugestão de arte, haviam, por certo, de fazer dêle um dos bons atractivos da velocidade pura, na próxima época olimpica.

FERNANDES DE OLIVEIRA

Página Feminina

de AURORA JARDIM

CHAPÉUS



Taque em feltro azul-rei drapé com uma tira de jersey

O chapéu de Inverno é mais severo do que o de Verão, mas aí vem já o da Primavera que se encontra na medida justa: a da fantasia equilibrada.

Abandonou o feitiço «engraçado», o «bibí», o «à la diable» para adoptar uma atitude mais séria, sem excluir severidade. As suas dimensões são normais e procura, o mais possível, ficar bem à cara, com o que nada se preocupavam os burlescos modelos do ano passado.

Ainda se nota alguma influência militar no boné, que se vê muito, mas acentua-se, também, o triunfo das linhas suaves com fitas a esvoaçar e abas tombadas sobre os olhos.

As toques fazem-se em jersey, em tafetá plissado, em escocês e no cetim mate que vai ser o material mais empregado na meia estação. Colocam-se muito para a frente, um pouco ao lado e são animadas por penas e pássaros ou flôres em tons vivos.

Outros materiais empregados: feltro, antilope, melusina, cetim *capitonné*, lá tricotada.

O chapéu pequeno, quasi minúsculo, é o que predomina: atrás, cabelo, cur-

to, todo aos caracois ou um pouco mais comprido, em ondas largas e sedosas.

Algumas penas prolongam a pequena aba, à frente, dando-lhe projecção sobre o rosto. Usa-se muito o chapéu que esconde inteiramente o cabelo; é uma espécie de lenço que aperta sob o queixo e em cima tem um bolero pequenino colocado sobre a testa. Ótimo para viagem de carro quando o vento não permite que se vá em cabelo.

Côres: Muito preto. E também: tom de fôgo, *bordeaux*, alguns azuis, vermelho, cinzento, castanho e certo verde.

Guarnições: metais trabalhados, joias, monogramas ou objectos dourados, fitas sob o queixo, flôres, penas, cordões e outras aplicações de passamanaria, pássaros e *strass*.

Moda movimentada e varia, a dos chapéus.

Ciência requintada e perigosa, a de os escolher. Não olvidar nunca que o chapéu é a peça de vestuária que mais perto está do rosto: dela depende tanta vez a harmonia do conjunto e êsse brilho do olhar que cintila nas mulheres quando ouvem um delicado galanteio...

...e quanta vez o devem ao chapéu!...

Conversar é uma arte

Houve mesmo quem dissesse que «para falar bem, é preciso às vezes estar calado».

Mas deixemos os paradoxos e entremos no campo prático.

Aqui tem algumas regras que deve observar para a procurarem, na sociedade, para se tornar desejada a sua companhia.

— A não ser quando se trate de alguém bem colocado, contente com a situação que possui — não fale no trabalho.

— Não conte histórias com-

pidas, deixe também falar as outras pessoas.

— Com um falador, saiba dar a réplica fisionômica: sorria, ergua as sobrancelhas, diga: «Oh!», «Ah!», «Realmente?», «Está claro». Quando fôr preciso, sacuda a cabeça, entreabra a boca, em ar de curiosidade, esboce mudas exclamações.

Mas tenha cuidado: não diga não quando fôr preciso dizer sim: preste um pouquinho de atenção, de vez em quando.

— Oíça todas as narrativas das pessoas idosas. É ótimo para educar a vontade e constituiu uma destas boas acções que a gente recorda com suavidade, ao fazer o balanço.

— Evidentemente, que não basta ouvir. É preciso, também, falar se não é um *poids lourd* que ninguém convida. Mas estude primeiro os interlocutores para abordar assunto que a todos interesse.

— Se contarem uma anedota já sua conhecida, não interrompa. Oíça até ao fim e depois faça côro na hilaridade geral. E não rectifique.

Conheci uma senhora casada com um homem espirotoso. Ele narrava com graça e leveza qualquer história e a gente ria-se. Logo a seguir, ela vinha rectificar: — O Augusto, olha que te esqueceste de dizer isto e mais aquilo...

— E contava-a então ela, a seu modo. Dava vontade de a matar.

— Nunca se meta num assunto muito complicado ou erudito se a base não é sólida.

— Não tenha qualquer estribilho que se torne enfadonho: «Não é?...» «E depois»...

— A dona da casa deve deixar o assunto para a arena. O mais esperto é o que tiver a certeza de que o sabe apanhar desenvolvendo-o.

— Não seja má-língua. Ficam a ter medo de si e serão os primeiros a cortar-lhe na casaca.

Verdades

O momento mais doce do amor é aquêle em que os lábios se aproximam: ainda existe ar entre êles, mas já se cruzam as respirações.

Na vida, não se deve fazer mais caso do acelerador do que do travão.

A hora H varia de ser para ser. Para um é aquela em que encontrar a rima no fecho do ansioso soneto; para outro aquela em que saborear umas belas e apetitosas salchichas com molho de tomate, o saboroso *tamato Ketchup*; e para todos a que sempre se procura e nunca se alcança.

Uma ilusão é um perigo: mas sem tumulto é impossível criar.



Na linha moderna — Vestidos e casacos para a Primavera

As verdadeiras vítimas

Adaptação de C. Sá Pereira

DAVID costumava dizer a propósito de tudo:

— O papá e a mamã dormem em cama de ouro!

Na realidade, a tal «cama de ouro» não passava de uma cama de cobre cujas reluzentes cabeceiras eram a alegria do meu irmão ao irmos todas as manhãs darmos os bons-dias aos nossos pais na sua alcova.

Uma manhã, porém, encontramos a mamã sózinha na casa do jantar, tomando a custo o pequeno almoço.

— Onde está o papá? — perguntou-lhe David.

Com uma voz um pouco sêca, que não era a sua, facto que nos estranhou, a mamã respondeu:

— No quarto de vestir!

E inclinou-se mais ainda sobre a chãvena de chá e os biscoitos.

Um instante depois, acrescentou:

— Está constipado.

— Oh! exclamou David.

Um momento mais tarde, encontramos-nos com o papá. Saira do banho com uma forte toalha atada ao pescoço.

— Papá — disse-lhe, depois de lhe dar um beijo — vais ficar todo o dia em casa?

E que eu temia, devido ao

tal resfriamento, ficar sem o passeio a cavalo que me prometera.

— Não há nenhuma razão... — respondeu, afastando-se imediatamente.

Eu, porém corri atrás d'ele, insistindo:

— Se não saís, pode suceder que o teu resfriamento aumente...

— O meu resfriamento?... — inquiriu êle, estranhando — Não estou resfriado!

— Foi o que nos disse a mamã! — interveiu David, contemplando a elevada estatura do papá, com o seu redondo e trigueiro rosto inclinado para nós.

O nosso pai deteve-se e endireitou a cabeça endurecida por uma rápida expressão de cólera. Compreendemos, no entanto, que não era devido a nós. Durante alguns segundos fitou-nos com as sobrancelhas muito juntas. Por fim, voltou as costas, encolhendo os ombros, e dirigiu-se a grandes passos para o seu quarto de vestir, cuja porta se fechou com estrépito.

Não nos tínhamos movido, confusos e vagamente atemorizados por aquella attitude desconhecida até então. David



pegou-me na mão e saímos sem dizer nada, estremecendo os dois com um temor impreciso.

Todos os domingos baixávamos com a nossa «bone» a-fim-de almoçarmos com o papá e a mamã na sua casa de jantar. Eu gostava muito, por haver, quasi sempre, pudim de chocolate e creme — o meu doce predilecto — e outras arroz doce com baunilha, predilecção de David.

Naquele domingo, quando Maria, a criada de mesa, me servia pela segunda vez de pudim de chocolate, olhei casualmente para a minha mãe e chcou-me, muito, o desgosto que o seu rosto reflectia. Com a colher na mão, voltei-me e observei o papá. Êle tinha a cabeça obstinadamente inclinada sobre o prato, no qual oscilava intacto o seu pudim.

Maria tocou-me, discretamente, no braço para recordar-me que ainda não me servira. Mas, de repente, não sei porquê, perdi o apetite ao meu doce favorito — pois era um pudim de chocolate! Deixei cair a colher no prato, num gesto irremovível de desalento. E, como não apartara os meus olhos da mamã, compreendi porque tão estranha me parecer a sua expressão. Ê que ela, segundos depois, levantou-se precipitadamente dizendo:

— Desculpem. Não me sinto bem.

As faces da nossa «bone» puseram-se vermelhas. O papá continuava com a vista cravada no prato. David, a meu lado, observava a cena com evidente assombro. A mamã chegou à porta, que Maria tinha aberto. Então, David pôde ver o que a «bone»,

Maria e eu já adivinhávamos e o que o papá já devia saber! — a nossa mãe chorava. Êle, porém, nada fez para o impedir.

Um dia, o pai despediu-se de nós como se fôsse fazer uma longa viagem. Parecia comovido como nunca e não o voltamos a ver. A mamã foi, então, para casa da avôzinha. Demorou-se duas semanas mas regressou logo.

Na noite da sua chegada deu-nos muitos beijos. Encerrou-se, logo, no seu quarto.

No entanto, um pouco mais tarde, veio dar-nos as boas noites ao nosso quartito. Trazia duas caixas: — uma, continha uma pequena máquina de coser, para mim; a outra, um arco, flechas e penas de indio para David. Disse-nos que o papá estava em Lisboa e que não voltaria.

A mamã explicara-nos, sumariamente, que o papá se fôra de casa por se não sentir feliz nela. Bastava ela dizê-lo, para ser verdade. A verdade, porém, ê que não conseguimos compreender as suas palavras. Como era possível não ser feliz na nossa casa? Para nós, pelo menos, ela representava uma prolongada gelicidade que remontava, nos nossos pequenos cérebros, muito longe, até à distante época em que éramos ainda mais pequeninos. Mais para trás, víamos, todavia, algo de impreciso, iluminado pela rosada luz das nossas primárias sensações, vagas reminiscências de que caminho florido cingido de algo desconhecido onde não existíamos.

Evidentemente, não podíamos pôr em dúvida o que a mamã dissera. Mas, para nos

Ó L E O S L U B R I F I C A N T E S

SHELL

PARA INDÚSTRIA E AUTOMÓVEIS

convencermos, procurámos descobrir uma razão dessa brusca separação — embora a não encontrássemos.

Uma noite perguntei-lhe:

— O papá está sempre em Lisboa?

— Não o sei — respondeu ela, lacônicamente.

— Mas os meus filhos irão vê-lo.

Se não voltava a casa o que deveríamos fazer para o ver?

Uma noite que a nossa «bone», estava a pentear o cabelo a-fim-de deitar-se perguntei-lhe:

— Diz-me: por que não era o papá feliz com a mamã?

Ela não me respondeu. Passados minutos, porém, murmurou como falasse, com ela própria:

— Talvez seja preferível para a senhora!

— Porquê? perguntei, assomburada.

Ela mexeu a cabeça, sem responder.

David, que estivera debruçado da janela, a despedir-se das pombas, voltou-se, brusco e enérgico:

— Que é preferível para a mamã? — disse, enquanto retorcia, nervoso, o cinto do seu pijama.

— Toma o teu leite, David — disse a «bone», fingindo não ter ouvido a interrupção.

Mas David repetiu, sempre com o cinto entre as mãos:

— Que é preferível, então, diz-me?

Ela ruborizou-se, de vergonha, sob as tranças do seu loiro cabelo:

— Oh! — disse, por fim,

perplexa — talvez a mamã dos meninos seja mais feliz assim.

— Mais feliz... sem o papá?!...

David e eu lançamos, simultaneamente a mesma exclamação:

— Não estejas sempre a mover a cabeça, Mina, porque terei que castigar-te! — exclamou a «bone».

O meu irmão e eu olhamos-nos, desorientados. A mamã era mais feliz sem o papá?

Ela repetiu-nos, para consolar-nos:

— Os meninos hão-de ver, bem depressa, o vosso pai.

— Quando?

— Não sei. É certo, porém, que o vão ver. Agora, sejam bons: — David e Mina, tomai as vossas chávenas de leite.

Quando, decorridos momentos, a mamã nos veio dar as boas noites, sentimos que, entre ela e nós, havia algo de estranho. Era a primeira vez que a víamos longe do pai, pois, até então, jamais podemos supor que ela pudesse ser ditosa sem êle.

Como é natural, a nossa vida quasi não havia mudado. Continuavam os nossos passeios, os nossos jogos, as nossas lições com a «bone». Pouco falávamos do pai e da mãe. Sómente trocávamos as nossas impressões, quando eu e David estávamos pendurados no ramo mais alto de uma grande macieira que havia no nosso quintal.

Uma manhã, ao principiarmos uma lição, Maria veio buscar-nos porque a nossa mamã nos chamava. Estava na

salá, a arranjar uma floreira de porcelana. Quando nos acercámos, disse brandamente:

— O Paisinho vem amanhã.

E continuou a dispôr as flores, cujo perfume invadia as salas. Nem David nem eu nos movemos. A surpresa privar-nos de movimentos. A mãe voltou-se para nós, olhando-nos com certa estranheza. Olhei David: — as suas faces e orelhas estavam vermelhas. De repente exclamou:

— Que grande alegria!

E saiu a correr.

Por volta das onze, quando voltámos a casa a-fim-de tomarmos uma chávena de leite, adverti que o carteiro havia deixado uma encomenda especial. É que, sob um móvel, havia uma grande caixa de chapéus cor de malva. Na tampa lia-se, em grandes letras, a palavra «Jeanne». Ora eu sabia chamar-se assim a modista da mamã em Lisboa e que o pai sempre trazia uma em cada estação. Até eu possuía uma vazia, é claro, onde criava bichos de seda.

Pensei e, de repente, compreendi tudo: — aquela caixa continha os chapéus enviados pela papá a-fim-de comemorar o seu feliz regresso. Não podia ser outra coisa!

Então é porque o papá ia ficar para sempre? Que alegria se tal acontecesse! Escondi-me no jardim e participei a David as minhas suposições. Ele, logo às primeiras palavras, começou a saltar de alegria. Depois, já louco, queria

quebrar os pulsos. Tive de o conter e de lhe recordar que, mais do que nunca, deveríamos estar bem no nosso papel de filhos de boa gente. David concordou mas continuou a saltar. É que tinha na mamã uma fê quasi mística. O papá não iria de novo!

No dia seguinte, embuscámo-nos para espiar a partida da mãezinha. Tinha que ir receber o papá a um pequeno apeadeiro, distante alguns quilômetros da nossa vivenda. Da janela, vimo-la subir para o automóvel. Levava um chapéu novo, adornado por um simples laço de veludo.

No momento em que o motor se pôs em marcha, descobriu-nos e não pôde deixar de sorrir, despedindo-se com as mãos. Jamais nos parecerá tão linda!

A «bone» foi em nossa busca e levou-nos para o nosso quarto de estudo.

Eu disse-lhe: — Julga que é necessário fazer hoje esse ditado?

— Naturalmente.

— Como o papá vai chegar hoje... — acrescentou David, para me ajudar.

A «bone» limitou-se a responder:

— Isso não é razão suficiente.

Estava a falar-nos de Camões quando ouvimos o ruído característico do automóvel da nossa casa. Instantes decorridos, parou junto à escadaria.

Aproveitámos a primeira saída da «bone» para fecharmos os nossos cadernos e ir-

VINHOS DO PÔRTO COCKBURN



(Tipo Vintage)

COCKBURN SMITHES & CO. LTD.
VILA NOVA DE GAIA

Para mais esclarecimentos sobre outros tipos de vinhos dirigir-se aos agentes:

Matos, Melo & C.^a L.^{da} Rua do Breiner, 64, Telefone 707
PORTO

Máquinas de Escrever

ROYAL

A Máquina N.º 1 do Mundo
com Marginação Mágica

Modêlos comerciais e portateis
Máquinas de calcular **“FACIT,”**
Ditas de Somar **“VICTOR,”**
Ficheiros **“RONCO,”**

ARTIGOS PARA

Equipamentos de Escritório

SOC. COM. LUSO-AMERICANA, L.^{DA}

LISBOA

R. da Prata, 145

PORTO

339, R. Sá da Bandeira

CRÓNICA ALEGRE

Histórias de animais

Os srs. leram, por certo, há dias, no órgão da avenida da Liberdade, a notícia dum cabrito que, algures em Portugal, apanhara uma valentíssima bebedeira. Foi o caso que o animal, sentindo frio, enfiou por uma adegua, abriu um pipo e desatou a beber vinho até aquecer. Como bebesse mais do que a conta, começou a não dizer coisa com coisa e a fazer disparates impróprios dum cabrito. Acudiu gente e, como agarrassem os seus actos, censurou num varapau e foi-se à bordoadá a quantos encontrou na sua frente. Muito bem! Nunca as patas da frente lhe doam, porque um cabrito, lá por ser cabrito, também tem direito a gozar a vida como lhe der na realíssima gana.

Houve, porém, muita gente que leu a notícia e duvidou. Nanja eu, porque acredito em tudo quanto os jornais dizem, mesmo que sejam notícias de Hollywood. A incredulidade é devida ao facto de um cabrito ter inteligência para se embebedar e depois jogar o pau.

Como já lhes disse não puz em dúvida a notícia porque, sei de muitos animais que pelas suas atitudes, mais parecem seres humanos. E para comprovar, isto vou contar-lhes um caso a que eu quasi assisti, passado com um animal — por tal sinal também um cabrito.

Ela aí vai: —

Era uma vez um cabrito que não gostava nada de vinho e era incapaz de qualquer feia acção. Passava os dias na serra, a passear e a comer as ervinhas, recolhia cedo, deitava-se com as galinhas, não costumava meter-se na vida dos outros cabritos e não tinha grandes aspirações. Mas tinha um fraco: uma cabra que costumava ir às tardes lá pelo montado e que lhe deu volta ao miolo. O bichinho, que era a pacatez em «pessoa» ao princípio sympathizou mas não ligou muita. Os dias foram passando, ele foi reparando melhor na cabra, que

não era asneira nenhuma, e às duas por trez, estava apaixonado.

A cabra percebeu e, em vez de se desviar, foi alimentando a paixoneta. Começou a aparecer mais cedo no montado, fez a ondulação ao pêlo, tratou das unhas e, se não dava ouvidos ao que o cabrito lhe balaava, também não o desiludia. O cabrito, por sua vez, passou a deitar-se tarde, a passar as noites em claro e de dia, na serra, quasi que não comia só para que a cabra tivesse para pasto as ervinhas mais tenras.

O tempo foi passando, o idílio campestre foi prosseguindo, até que o cabrito encheu-se de coragem, e resolveu manifestar à cabra a paixão que lhe roia a «alma». E, nessa manhã, mal a cabra «coquete» apareceu a saltitar, chegou-se a ela e disse-lhe tudo. A cabra ouviu e, em vez de corresponder ao amor, riu-se, — a descarrada. O cabrito afinou mas, como era paciente, não se deu por vencido e prosseguiu nos seus rodeios. Assim passou cerca dum mês. O cabrito a dizer que gostava dela e a cabra a armar em cara.

Até que um dia o cabrito percebeu que a cabra andava a gosá-lo. E aquele animalzinho, mais manso que um cordeiro, perdeu a cabeça. Desvairado, foi à adegua do dono, abriu um pipo e bebeu até fartar. Foi depois buscar uma arma caçadeira (aqui está porque eu não me admiro que o outro cabrito tivesse pegado num cacete), e como louco, correu para a serra. A cabra andava a pastar, mal pensando na tragédia que estava a desenhar-se. O cabrito viu-a e, sem dizer palavra, desfechou três tiros à queima pêlo na cabra, que morreu logo. E até veio o retrato nos jornais.

Eu seja preto se esta história não é, pelo menos, tão verdadeira como a história do cabrito que jogava o pau.

Marçal Saldanha

mos, pé ante pé, escutar a conversa dos nossos pais. Que saúde, dêsse doce e carinhoso ambiente, cuja falta sentíamos há tanto tempo.

Entrevimos o pai sentado no grande cadeirão estofado em seda antiga. A mamã estava a seu lado, com as mãos cruzadas sobre o seu vestido de cor clara. Ela fitava-o. Já nada diziam, mas, no silêncio entre eles estabelecido, havia, para nós, algo de mortalmente trágico, de inhumanamente estragador.

Tive que morder os lábios para não gritar de dor. Então o papá murmurou algumas palavras, em voz tão embargada pela emoção que as não podemos ouvir. A mamã conti-

nuava imóvel mas, de repente, no seu rosto pintou-se uma expressão de felicidade que compreendi imediatamente. Como o pai havia elevado o metal da voz, escutámos o que dizia:

— Nunca mais poderei viver sem ti!...

Olhei David. Ouvira como eu. Continuarmos, em sitio tão exposto, agora que a felicidade regressara a nossa casa, seria insensatez. Descemos sem ruído algum, os degraus que conduziam à nossa salinha de estudo. E jamais estudámos Camões com tanto interesse.

No dia seguinte, o papá e a mamã disputavam conosco os pudins de chocolate e de arroz doce...

FIGURAS DO ÉCRAN



Maria da Graça, um doce sorriso português, que se revelou, agora no «Pôrto de Abrigo»

QUAL O FUTURO DO CINEMA PORTUGUÊS?

Esta interrogação não nos parece extemporânea. Num momento em que, mercê da guerra, a Europa suspendeu a produção cinematográfica, compete-nos olhar para o futuro, traçar uma perspectiva, levantar dentro das possibilidades, um projecto que tenha uma base real de eficiência. Não falamos como técnicos, mas como público — que à sétima arte dedica o melhor do seu espirito e da sua observação. Que exige o fauteuil 42 (o número é apenas um exemplo) do cinema português?

Já passamos da infância da arte, isto é, de transportar para o écran as páginas dum romance célebre, ou de traçar aquarelas bucólicas, servindo-nos das nossas paisagens. De resto, Portugal já não precisa, nem para portugueses nem para estrangeiros, de explorar a fundo o «elemento físico».

Deve aproveitar-se incidentalmente, como sem esforço, num ar natural, se tiver que ser, que assim se faz propaganda inteligente e digerível. O que se impõe, principalmente, é contar histórias do nosso tempo no cinema com acção verosímil, em que não haja a preocupação grosseira e feroz de arrancar gargalhadas, mas um sorriso, se o tema se prestar a uma lágrima, se o lance o exigir.

Temos vivido muito de artificios, de fabulação laborio-

samente pensada, do cenário respeitado como uma dogma, e não de verdade, de realidade, de naturalidade e de humanidade. Não seria interessante, por exemplo, fazer um filme sobre a vida das costureirinhas de Lisboa, dando-lhe a alma lírica e humilde da cidade? O trabalho honesto, o sonho de amor, a pobreza graciosa, a ambição simples, não podiam constituir uma intriga? Sem dúvida!

E o mar, o nosso grande amigo, qual o papel que tem tido nos filmes portugueses? Alguem, sem dúvida, mas mais pela sua beleza dramática e decorativa do que ligado à existência humana. Podia pensar-se num filme que nos desse a chafrana-nafra das lotas, estivas e mercados nas docas lisboetas, e depois num bacalhão, fosse até os mares boreais e ali assistisse ao documentário natural da pesca. Dois tipos, um homem que parte, curtido de saudades, e uma mulher que fica, bela e ondeante como o mar dariam fulcro à intriga, em dois planos, o que multiplicaria o seu movimento. Histórias, histórias, eis do que o cinema precisa. Para não termos que chegar a casa e dizer, invariavelmente à família: o filme não é mau; tem bonitas paisagens e um «travelling» que é um achado. E o resto?

J. R.

Actividades Británicas em Portugal

Iniciamos no presente número a inserção de uma série de páginas, a publicar sucessivamente, destinadas a registar com o devido relevo as actividades británicas que desde há muito exercem uma acção preponderante na Indústria, Agricultura e Comércio do nosso Continente, Ilhas e Províncias Ultramarinas, por intermédio de várias Companhias, Empresas e Sociedades, contando algumas delas mais de um século de existência, e contribuindo assim, sensivelmente, para o desenvolvimento da Economia Nacional.

Tendo sido sempre, desde remotas eras, muito íntimas e estreitas as relações comerciais entre os dois países aliados o seu constante progresso tornou a Inglaterra o nosso mais importante importador e Portugal, por seu turno, um apreciável consumidor dos seus produtos.

TRANSPORTES AÉREOS

Entre a Inglaterra e Portugal mantem-se regularmente, por intermédio da British Overseas Airways, que emprega neste serviço magníficos aviões, verdadeiramente modelares pelas suas excepcionais condições de segurança, conforto e comodidade.

Com poucas horas de viagem, este transporte assegura ainda uma rápida comunicação com a América do Norte pelos Clippers. Os agentes da British Overseas Airways entre nós são os Srs. James Rawes & C.º, da rua Bernardino Costa, 47, e E. Pinto Bastos, Lda. da Av. 24 de Julho, 1, e ainda as demais agências de viagens.

TRANSPORTES MARÍTIMOS

James Rawes & C.º — Uma das mais antigas firmas estabelecidas em Portugal, que representa a «MALA REAL INGLESA» (Royal Mail Lines, Ltd.), cujos excelentes barcos têm servido a linha da América do Sul. Representa também as Companhias Inglesas de Navegação, «British India Steam Navigation C.º Ltd.», «Canadian Pacific Steamships Ltd.», «Union-Castle Mail Steamship C.º Ltd.», «Peninsular & Oriental Steam Navigation C.º» e «Aberdeen & Commonwealth Line», etc. etc., com as quais tem organizado esplêndidas excursões turísticas e ainda com Agência Geral, a Companhia de Seguros «NORWICH UNION FIRE INSURANCE SOCIETY LIMITED», de Norwich, Inglaterra, estabelecida entre nós desde 1824, e finalmente a Companhia Inglesa de Aviação «BRITISH OVERSEAS AIRWAYS CORPORATION», com carreiras regulares entre Lisboa-Londres.

TRANSPORTES TERRESTRES

CARRIS DE FERRO DE LISBOA — Esta Companhia fundada em 1870 no Rio de Janeiro transferiu mais tarde a sua sede para a nossa capital, onde iniciou a sua actividade pela construção da primeira linha, ainda de tracção animal, Cais do Sodré-Santa Apolónia, inaugurada em 1873, e só em 1901 passou à viação electrica com a linha Cais do Sodré-Algés, depois do que se foram construindo novas linhas, acompanhando sempre o constante desenvolvimento da cidade até atingir oitenta e seis quilómetros que constituem a rede actual.

Para os servir dispõe de perto de 450 carros que têm sofrido várias alterações na sua textura para satisfação das comodidades dos passageiros apresentando os que recentemente foram construídos, a par de uma inextinguível elegância de linhas as melhores condições de conforto e segurança de que compartilha o próprio pessoal, sendo digna de especial referência a circunstância de serem as transformações e novas construções obra exclusiva das suas oficinas.

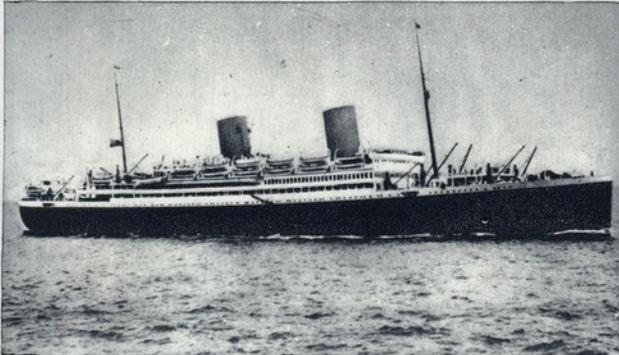
Ao pessoal, que atinge a importante cifra de perto de quatro mil empregados, é ministrada assistência médica e medicamentos gratuitamente tanto nas suas residências como nos postos de socorros urgentes e consultas, com o devido apetrechamento, instalados nas estações de Santo Amaro, Arco do Cego e Amoreiras e para a sua Caixa de Pensões que hoje movimenta importantes verbas, assegurando-lhes pensões de reforma e invalides, contribuem os empregados com três por cento dos seus vencimentos, concorrendo a Companhia com seis por cento desses mesmos vencimentos.

Dispõe ainda de barbearias cuja utilização é gratuita, de vastos e higiénicos refeitórios e de uma banda de música que não tem regateado o seu concurso a várias festividades de beneficência.

Eis uma nota breve e sucinta do que é a Companhia Carris de Ferro de Lisboa, a importante empresa de transportes terrestres que tanto tem contribuído para o desenvolvimento económico de Lisboa.



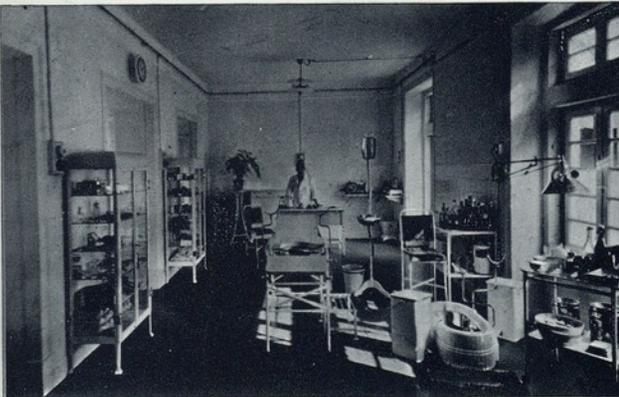
O gigantesco quadrimotor das carreiras aéreas Londres-Lisboa



O paquete «Astúrias», de 22.000 toneladas, da carreira da América do Sul



Um dos auto-carros recentemente adquiridos pela Carris que tão bons serviços prestaram durante a Exposição do Mundo Português



Um dos postos de socorro instalados na estação da Carris



Uma barbearia para uso gratuito do pessoal



MUNDO GRÁFICO



O general
Sir John Dill
chefe do Estado
Maior das Forças
Imperiais, num
acampamento militar
da Inglaterra